

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**GUILHERME DURANTE**

**ESPIRITUALIDADE DIALOGAL NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO:  
JUSTIÇA E FRATERNIDADE**

**CAMPINAS**

**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
GUILHERME DURANTE**

**ESPIRITUALIDADE DIALOGAL NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO:  
JUSTIÇA E FRATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Teologia.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

**CAMPINAS**

**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
GUILHERME DURANTE**

**ESPIRITUALIDADE DIALOGAL NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO:  
JUSTIÇA E FRATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
e aprovado no dia 21 de junho de 2024 pelo  
professor orientador:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**CAMPINAS  
2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D951e	Durante, Guilherme ESPIRITUALIDADE DIALOGAL NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO : JUSTIÇA E FRATERNIDADE / Guilherme Durante. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.  61 f.  Orientador: Ceci Maria Costa Baptista Mariani.  TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.  1. Espiritualidade. 2. Diálogo. 3. Magistério latino- americano. I. Mariani, Ceci Maria Costa Baptista . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título.
-------	--

*In memoriam* de Cleyde Barioni Marroco, Miguel Marroco e  
Euclides Durante.

A todos os meus familiares e amigos que de uma alguma forma  
sempre se fazem presentes em minha caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao bom Deus,

Que pelo seu amor e sua misericórdia me permitiu trilhar esse caminho até aqui, sendo meu sustento e meu guia;

A Prof.<sup>a</sup> Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani,

Orientadora e incentivadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, pela paciência e por toda orientação para que esta pesquisa tivesse êxito.

Aos meus pais, irmão e todos os meus familiares,

Gostaria de expressar minha gratidão por toda a dedicação e carinho que sempre demonstraram. Através do diálogo constante, vocês me ensinaram a viver.

Aos meus irmãos da Casa de Formação São Carlos Borromeu,

Gostaria de expressar minha gratidão a vocês que são companheiros nesta jornada. Agradeço a todos por transformarem os momentos difíceis em ocasiões de esperança e alegria.

Aos meus irmãos de turma,

Por todos os desesperos de final de semestre que sempre se transformaram em sorrisos.

Aos meus irmãos e amigos de caminhada Lucas Cordeiro Santos e Yan Pires,

Gostaria de expressar minha gratidão por serem um reflexo da luz de Deus em minha vida. Cada diálogo e cada momento compartilhado com vocês tem sido fundamental para mim.

"[...] percorrer as estradas do encontro e da amizade, que geram esperança."

Papa Francisco

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe uma espiritualidade dialogal visando o magistério latino-americano. Tendo para a construção desse trabalho o método bibliográfico, e com os documentos oficiais do CELAM e de outras bibliografias complementares, irá responder sobre o que é o diálogo para o Magistério latino-americano e propor-se-á uma experiência de espiritualidade relacionada a esse tema. O trabalho será construído com base no itinerário teológico latino-americano, que é: ver, julgar e agir. Neste caminho o ver, será uma proposta de olhar a realidade, relacionando o tema desse trabalho, com a falta do diálogo que se difunde a cada dia na sociedade atual, não somente em âmbito religioso, mas em todos os âmbitos sociais. Julgar trará um caminho baseado no que o Magistério latino-americano trabalha sobre o diálogo e referente ao agir a proposta de um movimento espiritual na sociedade atual, trazendo uma espiritualidade transformadora através do diálogo, este que é porta de trocas de experiências e construção pessoal. O propósito primordial deste estudo é evidenciar a crise contemporânea resultante da escassez de diálogo e, com base nos documentos do Magistério Latino-Americano, buscar uma compreensão abrangente e uma proposta prática sobre a natureza e a implementação do diálogo. A partir disso, a intenção é propor um movimento espiritual centrado no diálogo. O diálogo é considerado como um meio de interação entre indivíduos, um método que invariavelmente resulta em desenvolvimento, pois por meio dele o indivíduo pode ser exposto a novas perspectivas que, por sua vez, podem ser transformadas em conhecimento e desenvolvimento pessoal. O diálogo incentiva o homem a se relacionar com o outro e com sua própria realidade, sendo um método que o ajuda a compreender cada vez mais a dignidade e a importância do outro. A espiritualidade, vista como uma via para a transformação pessoal e fundamentada no diálogo, capacita o homem a buscar incessantemente sua essência como um ser relacional. Inspirado pelo exemplo de Jesus Cristo, o homem é convocado a se envolver na realidade do outro e a contribuir para mudanças significativas nas realidades existenciais.

**Palavras-chave:** Espiritualidade, Diálogo, CELAM, Magistério latino-americano.



## ABSTRACT

This final paper aims to propose a dialogical spirituality for the Latin American magisterium. It will use the official documents of CELAM and other complementary bibliographies to answer the question of what dialog is for the Latin American Magisterium and will propose an experience of spirituality related to this theme. The work will be based on the Latin American theological itinerary: see, judge and act. In this journey, seeing will be a proposal to look at reality, relating the theme of this work to the lack of dialog that is spreading every day in today's society, not only in the religious sphere, but in all social spheres. Judging will bring a path based on what the Latin American Magisterium works on dialog and referring to acting the proposal of a spiritual movement in today's society, bringing a transformative spirituality through dialog, which is a doorway for exchanging experiences and personal construction. The primary purpose of this study is to highlight the contemporary crisis resulting from the scarcity of dialog and, based on the documents of the Latin American Magisterium, to seek a comprehensive understanding and practical proposal on the nature and implementation of dialog. From this, the intention is to propose a spiritual movement centered on dialogue. Dialogue is considered to be a means of interaction between individuals, a method that invariably results in development, because through it the individual can be exposed to new perspectives which, in turn, can be transformed into knowledge and personal development. Dialogue encourages people to relate to others and to their own reality, and is a method that helps them to increasingly understand the dignity and importance of others. Spirituality, seen as a path to personal transformation and based on dialog, enables man to constantly seek his essence as a relational being. Inspired by the example of Jesus Christ, man is called to get involved in the reality of others and to contribute to significant changes in existential realities.

**Keywords:** Spirituality, Dialogue, CELAM, Latin American Magisterium.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

CELAM - Conselho Episcopal latino-americano

DP – Documento de Puebla

Fl - Epístola aos Filipenses

GS – *Gaudium et spes*

Jo – Evangelho de João

RMI - Carta Encíclica *Redemptoris Missio*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A CRISE DIALOGAL NA SOCIEDADE ATUAL</b> .....	<b>14</b>
2.1	O Diálogo numa perspectiva filosófica .....	15
2.2	O individualismo: a busca da autossuficiência .....	16
2.2.1	Compreender a problemática do individualismo.....	17
2.2.2	A “autossuficiência” e a perda do próprio “ser” .....	18
2.3	O distanciamento social na sociedade contemporânea .....	21
2.3.1	A escravidão do individualismo e o seu reflexo no diálogo .....	21
2.4	A inaceitabilidade do pensamento do outro.....	23
<b>3</b>	<b>UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO</b> .	<b>27</b>
3.1	O Diálogo como promotor de proximidade .....	28
3.2	O Diálogo e as gerações .....	30
3.3	O Diálogo como gerador de unidade e justiça.....	32
3.4	O diálogo e as culturas.....	34
3.5	Cristo e a realidade escatológica do diálogo .....	37
<b>4</b>	<b>UM MOVIMENTO ESPIRITUAL TRANSFORMADOR</b> .....	<b>40</b>
4.1	Respostas para a atualidade.....	41
4.1.1	Cristo: sinal de um novo homem .....	42
4.1.2	A opção evangélica pelos pobres.....	45
4.1.3	Trindade: sinal de comunhão .....	47
4.2	Um movimento espiritual .....	48
4.2.1	A espiritualidade como sinal de mudança e renovação.....	48
4.2.2	O diálogo como uma nova espiritualidade.....	50
4.3	A sinodalidade inspiradora de Justiça e Fraternidade .....	52
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na busca pela compreensão dos problemas que cercam a sociedade contemporânea, depara-se frequentemente com o fenômeno do individualismo, em que o indivíduo se fecha em si mesmo, acreditando que apenas ele e seus interesses são suficientes. Isso gera uma crise relacional que se estende desde tempos passados até os dias atuais. Assim, cresce uma cultura do descarte, na qual o pensamento do outro e até mesmo o próprio outro são desvalorizados, e excluí-lo se torna a maneira mais fácil de manter os interesses pessoais acima de tudo.

Este fenômeno pode ser percebido em diferentes âmbitos: no econômico, no qual o indivíduo busca apenas seu crescimento pessoal ou o crescimento do grupo que o beneficia de alguma forma; no político, em que prevalecem os interesses pessoais; no religioso, quando até mesmo Deus é concebido como um meio para alcançar os próprios desejos; entre outros. Aqueles que não compartilham a mesma visão são considerados errados, sem espaço para o diálogo ou para uma explicação.

A questão central levantada para a elaboração desta pesquisa, em consideração à realidade apresentada acima, é a seguinte: O que poderia auxiliar na mudança dessa realidade individualista? Com base nisso, este estudo propõe uma abordagem de espiritualidade fundamentada no diálogo.

O ser humano, como um ser racional, possui a capacidade de pensar e comunicar-se, o que o torna um *zoon politikón*, um animal político com a capacidade intrínseca de estabelecer relações. Quando o indivíduo se fecha em si mesmo, ele perde sua própria essência relacional.

A espiritualidade, por sua vez, é um movimento que incentiva o ser humano a olhar para dentro de si, não de forma individualista, mas com o propósito de uma verdadeira transformação. Ela incita o desejo de ser diferente e de refletir essa mudança. A espiritualidade dialogal, proposta nesta pesquisa, baseia-se na interação com o outro, pois o diálogo necessita de um interlocutor e, através deste movimento, constroem-se laços de conhecimento e crescimento. O ser humano é transformado na relação com o outro, e é nesta dinâmica que a espiritualidade dialogal encontra seu fundamento.

Justifica-se, portanto, que este tema possui grande relevância para a sociedade contemporânea, ao buscar compreender como a realidade individualista

pode ser transformada. Ao longo de todo este estudo, destaca-se que a mudança no nível pessoal tem o potencial de modificar toda a estrutura social. Dessa forma, a experiência espiritual individual pode catalisar uma transformação mais ampla na realidade social.

O intuito desta pesquisa é despertar uma consciência crítica na sociedade atual e, com base nos ensinamentos do magistério latino-americano, apresentar um método para que a espiritualidade dialogal seja efetivamente compreendida como algo de valor. Assim, pretende-se mostrar que a transformação pessoal, fundamentada em uma espiritualidade dialogal, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e relacional.

A estrutura será dividida em três capítulos principais, construídos com base no método de pesquisa proposto na Conferência de Medellín, que se organiza em três etapas: ver, julgar e agir. O primeiro capítulo apresentará uma compreensão do conceito de diálogo e examinará a realidade atual, destacando os fatores que contribuíram para a formação de uma sociedade individualista.

No segundo capítulo, baseando-se nos documentos finais das Conferências Episcopais latino-americanas, serão discutidos diversos temas relacionados ao diálogo. A importância deste assunto na vida das pessoas, conforme enfatizado nos referidos documentos, também será abordada neste capítulo.

O terceiro capítulo propõe a espiritualidade dialogal como um movimento de transformação pessoal, sugerindo que tal abordagem pode auxiliar na transformação da sociedade ao incentivar o indivíduo a abrir-se para o outro. Neste capítulo, será apresentado o exemplo de Cristo, que fez do diálogo um dos pilares fundamentais de sua missão.

Portanto, este estudo apresentará a três objetivos específicos que sustentam o objetivo geral. São eles:

Analisar e apresentar a crise dialogal que se intensifica a cada dia na sociedade contemporânea, evidenciando suas causas e consequências.

Apresentar e sistematizar as propostas sobre o diálogo inspiradas em uma espiritualidade, conforme delineadas nos documentos do CELAM.

Propor, com base na compreensão do magistério latino-americano sobre o diálogo, uma perspectiva de movimento espiritual através do diálogo. Esta proposta teológica visa abordar a crise atual, relacionando-se com as características do

magistério latino-americano presentes no pontificado de Francisco, especialmente a sinodalidade que promove justiça e fraternidade.

Os objetivos específicos delineados auxiliarão na resposta ao objetivo central, que é demonstrar a crise contemporânea causada pela falta de diálogo. Esta pesquisa buscará uma compreensão aprofundada sobre o que constitui o diálogo e como ele pode ser efetivamente implementado na prática. A partir dessa análise, será proposta a criação de um movimento espiritual fundamentado no diálogo.

A presente pesquisa tem como objetivo desenvolver a problemática levantada utilizando um estudo descritivo, baseado em um levantamento bibliográfico. A análise da bibliografia buscará possíveis respostas para a questão em foco. Os documentos do CELAM serão utilizados como bibliografia principal, fornecendo a base para compreender a abordagem do magistério latino-americano sobre o tema do diálogo. Subsequentemente, serão incorporadas contribuições de outros comentadores para complementar a pesquisa e enriquecer o trabalho.

Por fim, esta pesquisa visa proporcionar um contributo significativo para o indivíduo, incentivando-o a abrir-se a uma relação com o Espírito de Cristo. Através dessa relação, pode-se fazer com que se reconheça a importância do outro e a sua verdadeira dignidade. Assim como Cristo, é fundamental que se encarne na vida das pessoas excluídas, demonstrando que a espiritualidade não divide, mas, ao contrário, aproxima o indivíduo dos outros.

## 2 A CRISE DIALOGAL NA SOCIEDADE ATUAL

Compreender a crise dialogal na sociedade é fundamental para o desenvolvimento do objetivo desta pesquisa. O que nesta sociedade faz com que o homem se distancie da relação com o outro ou que o “eu” se torne maior que ele? Aceitar a posição, os ideais do outro é demasiadamente difícil para muitos, criando assim um distanciamento social cada vez mais crescente na atualidade. Este capítulo trabalhará embasado nas ideias de alguns filósofos e pensadores, trazendo compreensões e respostas, sobre o que acarreta essa crise dialogal na sociedade atual.

O diálogo não é somente uma disposição linguística, mas uma relação, em que o interlocutor e o locutor conseguem, entre eles, ter trocas de informações. Como resultado dessa troca de informações, o homem opta em agregar algo novo a ele ou simplesmente ignorar, pois essa troca pode gerar questionamentos e novas respostas que poderão fazer a diferença na vida do homem. Dialogar deveria ser sinônimo de crescimento.

Contudo, a realidade contemporânea traz cada vez mais forte em seu cerne cultural o crescimento do egoísmo, que desemboca no aumento do individualismo. O pensamento reinante é de que o homem precisa somente de si mesmo para crescer e de nada e mais ninguém. Compreender todas as dimensões que constituem o homem leva a entender que a sua relação com o outro é essencial para o seu próprio ser. Se em tempos de pandemia descontrolada foi necessário um isolamento com finalidade de preservação de si e dos outros, observa-se o crescimento, no entanto, de um distanciamento que é prejudicial para o homem em si.

É necessário viver a comunhão e o diálogo, abrindo-se à relação e à aceitabilidade do pensamento do outro, para que possa ser construído, cada vez mais, um mundo que não visa somente o “eu”, mas o bem-comum. Hoje, percebe-se que o homem esta cada vez mais longe do outro. Apoiado em sua liberdade, desenvolveu a consciência de que não precisa demais nada nem de ninguém.

## 2.1 O Diálogo numa perspectiva filosófica

Trabalhar o conceito de *diálogo* na perspectiva filosófica é uma forma de aprofundar-se no tema, que muito será discutido nesta pesquisa. Duas ideias estão intrinsecamente relacionadas com o termo: linguagem e experiência.

A Linguagem pode ser compreendida como: “o uso de signos intersubjetivos, que são os que possibilitam a comunicação” (ABBAGNANO, 2007, p. 708). Dai percebe-se a importância da linguagem em relação com o diálogo. Ela através de seus signos, possibilita a transmissão clara das ideias pessoais de cada homem. É válido destacar que a linguagem é uma convenção de relação entre pessoas e não algo particular de um único homem. “No isolamento mais perfeito que possamos imaginar, levamos sempre na linguagem um mundo humano, que com ela nos acompanha.” (ABRANCHES, 1949, p. 05).

Como visto, a linguagem é a transmissão de algo através de signos. Quando compreendemos isso, a pergunta a ser feita é: o que se transmite muitas vezes com a linguagem? Pode-se responder que são experiências, pois cada pessoa, com os seus sentidos corporais, traz uma compreensão do mundo que se transforma nas diversas interações com a realidade. Hábitos, formas de se viver, acontecimentos, coisas que fazem com que o homem amplie seu arcabouço e crie cada vez mais experiências que o façam crescer, tornar-se alguém, tornar-se um *eu*.

O diálogo é a junção da linguagem e da experiência com o sentido de relacionar-se com o outro em uma troca de experiências. É um momento em que o homem compreende suas diferenças, o que é normal e contribui para o seu crescimento. Todo diálogo necessita de uma abertura de ambos, para um verdadeiro relacionamento de experiências.

A pessoa humana não é, pois, uma consciência fechada sobre si mesma; ao contrário, está aberta aos outros, desde a sua eclosão a uma vida pessoal e humana. O contato com as outras pessoas é condição imprescindível de começo e desenvolvimento da nossa vida de pensamento. É ao contato da simpatia, das palavras afetuosas da mãe, do pai e dos que rodeiam a criança que ela desenvolve a sua inteligência. (ABRANCHES, 1949, p. 05)

Em Aristóteles se tem a primeira compreensão comunicativa do homem. O filósofo destaca que o homem é um animal, como os outros, que tem a capacidade



do mover-se autonomamente. Contudo, o que diferencia dos demais são as dimensões *zoon politikón* e *zoon logikón*.

As dimensões supracitadas é que tornam o homem capaz de comunicar-se. O *zoon logikón* é aquele que tem a capacidade de pensar e falar, caracterizando assim a dimensão racional do ser humano. E ser *zoon politikón*, faz com que esse ser seja capaz de comunicar-se em sociedade, obtendo uma maior organização do espaço e do convívio com os demais.

Ele é um *zoon politikón* por ser um *zoon logikón*, ou seja, porque fala e pensa, o homem é capaz de viver em sociedade politicamente organizada. Consequentemente, para os gregos a vida ética e a vida política e social seriam artes de viver segundo a razão que se manifesta na fala. (ROSSETTI, 2018, p. 72)

Ao analisar essa característica singular da comunicação, torna-se evidente que o ato de comunicar reflete a essência humana, revelando o indivíduo ao mundo e oferecendo uma visão de sua identidade.

Na polis grega, o homem se revela ao mundo no discurso e na ação. Este fato esclarece a forte relação entre o social e o comunicacional: na fala e no ato, o homem tem visibilidade social no mundo. Quando fala e quando age, o homem é capaz de comunicar a si próprio, e não apenas comunicar alguma coisa, porque na fala ele revela o seu próprio ser. (ROSSETTI, 2018, p.71)

Portanto, a capacidade de pensar e falar permite aos homens relacionarem-se e a troca de experiências e ideias auxiliam na organização social. O diálogo é um movimento de trocas de experiências, através dos signos emitidos pela linguagem. Porém, no mais profundo, é preciso destacar a ideia relacional de duas pessoas, cada uma com o seu modo de ser e pensar, com as suas experiências particulares. O movimento de abertura próprio do diálogo permite que aqueles que o iniciam, sejam de alguma forma, diferentes ao final.

## 2.2 O individualismo: a busca da autossuficiência

A busca da compreensão do individualismo nesta síntese teológica é um dos elementos fundamentais para o entendimento da crise pela qual passa o homem na sociedade contemporânea. Nessa uma realidade, todos estão inseridos, direta ou indiretamente. Para um aprofundamento maior do tema, serão abordadas algumas

ideias de Tocqueville e Emmanuel Mounier. Embora o individualismo faça-se presente nas culturas atuais, ele não é um produto da contemporaneidade. É necessário, portanto, voltar-se à história e compreender um pouco o seu desenvolvimento.

Diante do cenário exposto, surge a pergunta: o que é o homem e o que o individualismo fere nesse homem? O aprofundamento nas dimensões intrínsecas do ser, bem como nas dimensões que caracterizam a realidade plena do homem, faz compreender que, em sua plenitude dimensional, ele é um ser de relações e a busca incessante pela sua autossuficiência o distancia da sua própria essência.

### 2.2.1 Compreender a problemática do individualismo

Em Tocqueville, o individualismo tem início no período do desenvolvimento da burguesia, quando o mundo passa por uma transformação em diversos campos (econômico, político, religioso e social). A queda do sistema feudal fez com que as pessoas buscassem uma nova forma de riqueza, não mais medida pela quantidade de terras, mas pela de bens lucrados, como por exemplo, a moeda. Portanto, o homem busca cada vez mais olhar para si e para os seus interesses pessoais. “Habitua-se a considerar-se sempre isoladamente e imaginam, com prazer, que seu destino se encontra inteiramente em suas mãos” (TOCQUEVILLE, 1979, p. 286).

Por um lado, a ideia de que o homem procure construir e se organizar de uma forma pessoal não aparenta ser uma ideia ruim. No entanto, se ela for mal planejada e executada, poderá conduzir ao egoísmo, tema que é trabalhado tanto por Tocqueville quanto por Mounier. “No individualismo, as instituições são reduzidas a meios de instalação dos egoísmos do indivíduo e mesmo as associações servem para seu lucro.” (MOUNIER, 2004, p. 45). Com a certeza de sua autossuficiência o homem fechou-se em si mesmo, considerando ser necessário para o seu crescimento apenas o seu próprio esforço. É interessante a compreensão de que:

Neste período o indivíduo ganhou diversas cartas de alforria [...] No plano político o Estado não lhe era mais senhor absoluto, pois a sua legitimidade dependia do acordo mútuo dos indivíduos [...] No plano econômico o Estado não poderia mais intervir além do estritamente necessário [...] No campo epistêmico o indivíduo ganhou liberdade em relação ao objeto, passando de

um simples reproduzidor da realidade que lhe era autônoma à condição de sujeito criador [...] Até na ética o indivíduo foi alforriado. Dar a si mesmo as suas próprias leis era o ideal kantiano de ética. (ROCHA, 2010, p. 16)

Este trecho traz o entendimento de algumas correntes da época que foram surgindo junto com o individualismo e fortificando-se a outra. A primeira teoria é a do Jusnaturalismo, que procura “atribuir aos indivíduos direitos originários e inalienáveis” (ABBAGNANO, 2007, p. 638). A crença é de que os direitos de cada indivíduo são anteriores à criação das leis, que são feitas a partir consenso dos homens. Portanto, tem-se a ideia de que cada homem procura viver os seus direitos próprios e naturais.

A segunda é o Contratualismo, uma teoria “frequentemente usada como negação do absolutismo estatal ou como instrumento para limitá-lo”. (ABBAGNANO, 2007, p. 638). A ideia é de que a sociedade civil foi criada através do contrato entre os homens. O estágio anterior à civilização é chamado de estado de natureza. Porém, no intuito de garantir o convívio entre os cidadãos é que ocorrem a união deles e a criação da estrutura de sociedade para viverem.

A terceira é o Liberalismo Econômico, que busca garantir que o Estado não possa interferir na economia, dando assim a liberdade da gerência pessoal sobre os seus ideais econômicos. (ABBAGNANO, 2007, p. 638)

Por fim, destaca-se a teoria da luta contra o Estado, dando-lhe limites em suas ações, em todos os campos sociais.

Em todos esses elementos apontados, o que se observa é o distanciamento da vida social e o aumento da autonomia do indivíduo, cujo interesses são diferentes dos da coletividade.

### 2.2.2 A “autossuficiência” e a perda do próprio “ser”

A busca do ser humano pela “autossuficiência” o fecha tão copiosamente na sua relação para com as realidades societárias, fazendo assim com que ele se distancie de tudo e queira permanecer movido por seus próprios interesses. Infelizmente, essa busca não fica só nessa indiferença societária, mas podendo acarretar um distanciamento do seu próprio “eu”, do seu próprio “ser”.

Ao citar essa ideia de “ser”, é preciso compreender que existem características comuns a todos os homens, isto é, dimensões intrínsecas que são a completude de seu ser.

Primeiramente, tem-se a dimensão *homo somaticus*, que é voltada ao estudo do corpo humano. O homem é formado por um corpo, portanto, ele não é algo abstrato. Essa corporeidade dá a ele um lugar de relação no mundo. “É por obra do corpo que o homem faz parte do mundo; ele se reconhece constituído dos mesmos elementos do mundo, sujeitos às mesmas sortes e às mesmas leis, por causa de seu corpo” (MONDIN, 1977, p. 32-33).

Uma próxima dimensão é a do *homo vivens*, que aborda a ideia da vida. Todo homem necessita da vida para assim ser compreendido como um ser vivente. Parece algo óbvio, porém, necessário de se destacar. O que faz o homem se diferenciar dos outros seres viventes é que ele tem consciência de sua própria vida.

Uma dimensão mais conhecida é a do *homo sapiens*, que mostra a capacidade do homem de conhecer as coisas e questioná-las. Isso faz com que se diferencie dos outros seres, por ser o único dotado das faculdades do conhecimento e dos questionamentos.

Em se tratando da faculdade do conhecimento, existem quatro modos possíveis de exercê-la: *sensitivo*, o conhecimento que se dá pelos sentidos de sua corporeidade; o *imaginativo*, que deve ter o diálogo da fantasia com a arte, em que a primeira, com a imaginação, cria e a segunda exterioriza essa criação; o modo *intelectivo*, que é a capacidade que o homem possui de organizar tudo aquilo que adquiriu com o *sensitivo*, sistematizando assim seu conhecimento; e, por fim, o modo *místico*, a partir do qual se dá o conhecimento de si mesmo, do próprio “eu”, seja por meio da iluminação de um ser divino ou de outra forma.

O *homo volens* é a dimensão do homem que, através da compreensão de quem ele é e de sua relação com o mundo, conclui ser alguém dotado de vontades e que tem a liberdade para satisfazê-las. Porém, a vontade do homem pode ser condicionada por suas paixões, que o tencionam para algum caminho. A possibilidade que o homem tem de construir um mundo de relações interpessoais, devido à linguagem, é possível graças à dimensão *homo loquens*. Considerar a linguagem, não somente verbal, mas também a não verbal e a mista, ou seja, todas as formas de linguagem, proporciona ao homem um modo de relacionar-se com mais facilidade com os outros.

O *homo socialis* refere-se à dimensão social e política. O homem é um ser de relações, ou seja, “é, portanto, a sua própria natureza que induz o indivíduo a associar-se com os outros indivíduos e a organizar-se em uma sociedade.” (MONDIN, 1977, p. 154). Para que, devido às múltiplas relações, não se perca o controle, os homens unem-se e se organizam em sociedades, com regras próprias, para que assim garantam relação harmoniosa.

A dimensão *homo culturalis* tem estreita relação com o fato de o homem estar inserido em uma cultura. Assim, acaba adquirindo dela algumas características específicas como sotaques, costumes artísticos, posições políticas, etc. Portanto, não tem como separar o homem de uma cultura, pois ele sempre estará dentro de uma.

O *homo faber* traz a ideia da relação do homem com o trabalho e a técnica. O trabalho é toda atividade material e espiritual que procura um resultado útil. Com essa dimensão o homem se desenvolveu muito com técnicas e modos de fazer as coisas.

Por fim, apresentam-se aqui as duas últimas dimensões: a do *homo ludens*, que faz com que o homem, através dos jogos, tenha uma tendência de desenvolver pela diversão o seu prazer, que desponta no homem a liberdade de ser quem ele é; e o *homo religiosus*, uma dimensão religiosa também presente em todos os homens, mesmo que, por vezes, muitos afirmam que não a possuem. No entanto, quando se volta todo o seu viver para à sua vontade, já se passa por uma religiosidade, que movimenta o homem. Assim, a dimensão religiosa é uma experiência com algo ou alguém que faz o homem se movimentar a uma transformação.

A apresentação dessas dimensões com o tema deste subcapítulo tem por objetivo mostrar que o homem, na busca de sua autossuficiência, acaba se desligando da relação com o outro e com muitas outras realidades, ao passo que ele acaba se desligando de si mesmo, de sua essência, do seu próprio ser. O individualismo resultará, portanto, não propriamente na autossuficiência, mas nesse desligamento do homem com o seu próprio ser.

A maioria das dimensões trabalhadas neste texto mostra o homem como um ser de relação: todo homem tem um corpo, uma vida, a capacidade de conhecer, compreender e questionar as realidades, uma tendência relacional que o faz viver em uma sociedade que, através de seus dons, faz com que a vida do outro possa ser facilitada, criando costumes, culturas que integram a todos. Até mesmo uma

relação com algo mais profundo faz com que o homem seja transformado para assim se relacionar com o outro.

Conclui-se então, que esse movimento de autossuficiência do homem, que o faz acreditar que não precisa de mais nada e nem de ninguém, que consegue somente ir por ele mesmo, faz com que ele se distancie cada vez mais de seu próprio ser. Torna-se, assim, de um ser de relação em um ser que somente cresceu e se desenvolveu devido a essa característica dialogal e relacional.

### 2.3 O distanciamento social na sociedade contemporânea

Quanto cresce na sociedade contemporânea o distanciamento social, em que o outro é visto, muitas vezes, como um simples objeto descartável a qualquer momento. O pensamento dominante é de que o próprio 'eu' é necessário em tudo e a única coisa que basta. Diante disso, pergunta-se o porquê, na sociedade contemporânea, a sociabilidade está cada vez mais fraca e o porquê cada vez mais ela é descartada da vida das pessoas? O enfraquecimento cultural está se tornando cada vez mais evidente devido ao distanciamento social, uma vez que a força da cultura reside na interação entre indivíduos. Portanto, é preciso investigar o que está acontecendo na sociedade, na qual renega-se até mesmo a cultura, os valores, tudo aquilo que por muitos foi pensado, criado e sistematizado.

Este subcapítulo terá como base algumas ideias e citações retiradas da Carta Encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti* (Somos todos irmãos), um documento que traz uma análise profunda sobre a realidade atual.

#### 2.3.1 A escravidão do individualismo e o seu reflexo no diálogo

O tópico anterior discorreu sobre o que é o individualismo e como ele reflete em todas as dimensões que integram o ser do homem. Foi possível analisar como que se busca cada vez mais viver egoisticamente, fazendo com que o homem se distancie de si mesmo. A busca dos seus interesses e de seu crescimento é algo que o movimenta, tornando-o um escravo de seus interesses e prazeres.

É interessante pensar que a escravidão na maior parte do mundo chegou legalmente ao fim, a exemplo do Brasil, em que o fato ocorreu no ano de 1888. Porém, a escravidão ainda está presente e pode ser vista em alguns casos, tanto a

nível trabalhista, quanto a um novo nível, em que o homem se torna escravo de seus próprios prazeres. Condicionado à busca do seu crescimento pessoal, o homem pode até mesmo ter relações com outras pessoas, mas essas, em sua maioria, são revestidas de puro interesse pessoal. Com isso, a busca de um relacionamento com outro indivíduo acaba sendo movida por puro interesse. Assim, não se visa o bem-comum, mas o bem próprio.

O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode sequer preservar-nos de tantos males, que se tornam cada vez mais globais. Mas o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum. (FRANCISCO, 2020, p. 59)

A escravidão e o egoísmo fazem com que os homens se fechem cada vez mais ao outro, às suas ideias e posições. Ser diferente, para muitos, acaba sendo visto como um perigo. “Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência.” (FRANCISCO, 2020, p. 16). De fato, muitas relações se baseiam, na atualidade, na ideia dos benefícios que o outro pode proporcionar e dos prazeres que pode levar a experimentar. Caso isso não ocorra, a outra pessoa automaticamente será “cancelada”, um termo bem específico e usado com frequência na sociedade atual.

No fundo, “as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se “ainda não servem” (como os nascituros) ou “já não servem” (como os idosos)”. Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis. [...] Assim, “objeto de descarte não são apenas os alimentos ou os bens supérfluos, mas muitas vezes os próprios seres humanos”. (FRANCISCO, 2020, p. 19)

A observação da cultura contemporânea, marcada pelo fenômeno do cancelamento, revela uma tendência de enfraquecimento das culturas, resultando na perda de suas essências fundamentais. Hoje, o mundo vive em um crescente movimento de globalização, que por um lado é benéfico. Por meio dela é possível aproximar pessoas que estão distantes umas das outras. No entanto, pode ser também perverso, se mal utilizado, levando à destruição de características comuns

das culturas locais, devido a tantas influências. Com a globalização, o homem tem mais oportunidades de crescer, de conseguir com mais êxito abrir-se a um mar de oportunidades, distanciando-se cada vez mais daquele que está do seu lado. “Nesta luta de interesses que nos coloca todos contra todos, onde vencer se torna sinônimo de destruir, como se pode levantar a cabeça para reconhecer o vizinho ou ficar ao lado de quem está caído na estrada?” (FRANCISCO, 2020, p. 18)

A dificuldade é exatamente esta: ao focar tanto em si mesmo, como é possível olhar o outro, compreender o que ele pensa ou como ter um verdadeiro diálogo que pode ser de construção? “Nota-se a penetração cultural duma espécie de ‘desconstrucionismo’, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero.” (FRANCISCO, 2020, p. 17). Nessa cultura em expansão, observa-se que os indivíduos, motivados por seus interesses pessoais, desconstruem diversas realidades e narrativas, inclusive desfazendo amizades que não estejam alinhadas com seus objetivos. “Crescem as atitudes fechadas e intolerantes que, à vista dos outros, nos fecham em nós mesmos, por outro, reduzem-se ou desaparecem as distâncias, a ponto de deixar de existir o direito à intimidade.” (FRANCISCO, 2020, p. 30)

Conclui-se que, usando de sua liberdade, à qual todos têm direito, o homem faz as suas escolhas pessoais. Entretanto, no rumo que as coisas se encaminham, o bem-comum tem sido esquecido e a ênfase na fala e vivência de todos é a palavra “eu”. Com isso, a preocupação com o “nós” passa longe do pensamento de muitos. Entende-se que se aquele com quem eu interajo não pensa como o eu, de nada serve para relacionar. Se o outro não entra nos padrões que o “eu” estabelece, não terá serventia nenhuma. Essa escravidão a que o homem se submete cada vez mais não o permite crescer verdadeiramente, mas fecha-o cada vez mais às realidades, ao diálogo e à relação para com o outro.

#### 2.4 A inaceitabilidade do pensamento do outro

Essa tendência de não se abrir ao outro, não conseguindo entender que o outro faz parte essencial do seu próprio ser, e de sempre voltar-se a si mesmo, aos seus gostos e querer, faz com que o homem crie “o hábito de separar imediatamente o que gosta daquilo de que não gosta, as coisas atraentes das



desagradáveis. A mesma lógica preside à escolha das pessoas com quem se decide partilhar o mundo.” (FRANCISCO, 2020, p. 33)

No ano de dois mil e vinte e dois (2022), o Brasil viveu despontar algo em sua cultura, que já estava presente, porém ficou cada vez mais claro e nítido. Foi durante o período eleitoral que ocorreu no país, no final do respectivo ano. O país se polarizou em dois extremos e disso resultaram diversos conflitos, levando à ocorrência de algumas mortes nesse período. “Apenas no período eleitoral, até o primeiro turno, entre 1 de agosto e 2 de outubro de 2022, 121 casos de violência política foram registrados contra agentes políticos, praticamente, dois casos de violência política por dia.” (Terra dos direitos, 2022). Pensar diferente hoje é considerado errado. Ter um posicionamento diferente dos demais é visto como algo terrível por muitos na sociedade atual.

O exemplo acima é uma amostra desta inaceitabilidade do pensamento do outro. Isso não se faz presente somente no âmbito político, mas em todos os demais em que as pessoas estejam envolvidas. Alguém que professa uma determinada religião considera-se mais certo e santo que outro que possui outra realidade religiosa e espiritual. A falta da abertura do homem para olhar e compreender a realidade é cada vez maior. Não se consegue chegar a um consenso e não se tem paciência com o outro. Essa sociedade, do egoísmo e do imediatismo, que é crescente no mundo contemporâneo, é um grande risco para as culturas e para o homem.

Sentar-se a escutar o outro, característico dum encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo. Mas o mundo de hoje, na sua maioria, é um mundo surdo (...). Às vezes a velocidade do mundo moderno, o frenesi impede-nos de escutar bem o que outro diz. Quando está a meio do seu diálogo, já o interrompemos e queremos replicar quando ele ainda não acabou de falar. Não devemos perder a capacidade de escuta. São Francisco de Assis escutou a voz de Deus, escutou a voz dos pobres, escutou a voz do enfermo, escutou a voz da natureza. E transformou tudo isso num estilo de vida. (FRANCISCO, 2020, p. 33)

A compreensão dessa realidade cismática dos homens é um caminho para perceber o que o mundo mais necessita na sua realidade. A falta do diálogo, colocando-se junto do outro, é o que mais impede as pessoas no enfrentamento das crises diárias que estão vivendo. Quando se volta o olhar para a Igreja é preciso

compreender que a fé não deve ser resumida em conseguir benefícios pessoais, como graças ou curas. Na atualidade, as pregações dos líderes religiosos estão cheias de palavras que remetam ao individualismo. É preciso compreender que a Igreja tem, desde sempre, o caráter do “nós” em todas as suas orações rituais. Assim, nunca predominou o “eu”, mas sempre foi destacado o “nós”. Portanto, quando o homem volta o seu olhar para o “eu” ele perde a essência de si e da própria Igreja.

Viver a *Koinonia*, a comunhão, é viver a essência da Igreja, mas para isso é preciso que o homem possa viver o diálogo e a abertura ao outro, quebrando as barreiras que impedem de relacionar-se e dialogar. É preciso ter calma e paciência para conseguir manter um diálogo e adentrar o mistério do outro.

O espírito eclesial de *koinonia* não se desvincula da participação de todos os membros da Igreja na estruturação interna e na missão da Igreja. Intrínseco a essa relação profícua está o diálogo, em sua condição de um processo comunicativo, que exige a atitude de escuta, de falar oportunamente de efetividade do consenso por parte de quem dialoga. E não há diálogo que efetive a relação entre comunhão e participação na Igreja, sem a pobreza espiritual que remete à humildade e simplicidade de vida, eliminando a soberba que destrói o real espírito da *communitas fidelium* (GONÇALVES In SOUZA; SBARDELOTTI (Org), 2019, p. 429).

A inaceitabilidade do pensamento do outro é algo com o qual precisa-se acostumar a viver. Hora ou outra todos passarão de alguma forma por essa situação. Abrir-se e aceitar o pensamento do outro não implica em se desfazer de seus valores pessoais, mas, sem sombra de dúvidas, em compreender que se pode dialogar e, a partir desse ato, observar o crescimento de algo positivo para ambos. É necessário quebrar com a realidade da escravidão pessoal, que faz o homem se afastar da sua principal dimensão: o ser social. Por meio da sociabilidade, o homem pode se aproximar de Deus. Por meio dela, também, pode dialogar e construir laços. Sem sombra de dúvidas, tudo o que foi construído até hoje foi possível pela unidade das pessoas.

Eis então um quadro da crise dialogal que cresce na sociedade atual. Este capítulo procurou apresentar essa crise e o porquê de ela ter começado, ou melhor, elementos que possam ter contribuído para que ela pudesse chegar ao atual patamar. Não se abrir à relação com o outro é como se fechar dentro de uma caixa e limitar o próprio crescimento ao espaço desta. Quando a valorização do “eu” se

sobressai, há o distanciamento do “nós”. Construir uma sociedade desconstrucionista que aceita somente o seu pensamento, torna o resto supérfluo. Ao valorizar apenas aquilo que interessa, destrói-se uma relação verdadeira com o outro, por estar escravo do seu próprio “eu”.

### 3 UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO MAGISTÉRIO LATINO-AMERICANO

O objetivo deste capítulo é oferecer uma apresentação e uma sistematização do conteúdo presente nos documentos do magistério Latino-Americano relacionado à compreensão do diálogo. Esta investigação não se propõe a analisar cada documento de forma exaustiva nem a realizar um estudo detalhado sobre o CELAM, mas sim a conduzir uma pesquisa analítica que visa atender ao objetivo delineado para este capítulo.

Com isso em mente, foram elaborados quatro temas específicos a partir do conteúdo dos cinco documentos do CELAM<sup>1</sup>, os quais servirão de base para o tema principal desta pesquisa. Esses temas são: o diálogo como promotor de proximidade; o diálogo e as gerações; o diálogo gerador de unidade e justiça; o diálogo e as culturas; Cristo e a realidade escatológica do diálogo.

O CELAM assume o compromisso de responder aos chamados divinos, sendo o primeiro deles identificado como a "voz maternal da Igreja" (ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DO CELAM, 1968, p. 20) e o segundo como o "clamor angustiado da América Latina" (ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DO CELAM, 1968, p. 20). O ato de escutar esses apelos divinos através da Igreja, concebida como mãe e mestra, implica na adoção das características fundamentais da Igreja, conforme delineadas nos documentos do Concílio Vaticano II: peregrina, integrada na trajetória humana, servidora, respeitadora, atenta, dócil, propensa ao diálogo e constantemente aberta para realizar a vontade do Criador. Em todas essas dimensões, o objetivo é cumprir a vontade de Deus.

O segundo chamado está implicitamente contido nessas características essenciais da Igreja; aqueles que vivem de acordo com esses princípios encontram-se em uma posição missionária constante, engajados com as necessidades dos que sofrem, pois estão imersos em suas histórias, buscando servir de maneira simples e amorosa, dialogando com diversas realidades e, acima de tudo, realizando a vontade e o desejo do Criador.

O Papa Paulo VI, em seu discurso dirigido aos bispos do CELAM, ressaltou a importância do Concílio Vaticano II para a prática pastoral da Igreja, com o objetivo

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e por fim, Aparecida (2007). Esses documentos citados são textos conclusivos de tudo que fora tratado nas conferências episcopais Latino-Americano; o colégio episcopal procura nessas conferências trazer respostas para realidades da vida do povo Latino-Americano, respostas de como a Igreja pode se inserir na realidade e ser geradora de vida.

de promover uma renovação espiritual dentro da comunidade eclesial. Essa renovação espiritual tem por finalidade estimular os bispos, juntamente com seu clero, a cultivar um espírito genuíno de colaboração, fundamentado nos ensinamentos do Evangelho de Cristo, para o benefício das almas e para o cumprimento da missão da Igreja. Dessa forma, eles são incentivados a viver plenamente os desafios contemporâneos, mantendo sensibilidade para com aqueles que estão em situações de sofrimento.

### 3.1 O Diálogo como promotor de proximidade

A compreensão do diálogo como promotor de proximidade pode ser considerada como uma apreensão essencial desse fenômeno, uma vez que ele favorece em todos os seus aspectos uma aproximação entre o emissor e o receptor da comunicação. Este estudo busca uma reflexão mais aprofundada sobre o diálogo, à luz da *Gaudium et Spes* (1965, §92), documento referenciado em algumas ocasiões no documento de Medellín:

Por nossa parte, o desejo de tal diálogo, guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém; nem aqueles que cultivam os altos valores do espírito humano, sem ainda conhecerem o seu autor; nem aqueles que se opõem à Igreja, e de várias maneiras a perseguem. Como Deus Pai é o princípio e o fim de todos eles, todos somos chamados a ser irmãos. Por isso, chamados pela mesma vocação humana e divina, podemos e devemos cooperar pacificamente, sem violência nem engano, na edificação do mundo na verdadeira paz.

Na contemporaneidade, observa-se um aumento significativo na diversidade de pensamentos e estilos de vida, impulsionado pelo contínuo avanço da globalização. A diversidade em si não é prejudicial, porém, a globalização desenfreada pode levar a uma fusão indistinta de culturas. Diante dessa mudança trazida pela globalização, as culturas não permanecem estáticas, mas sim, apresentam um crescimento em suas formas, o que pode dificultar o estabelecimento de diálogo e proximidade entre elas, exigindo assim um esforço adicional para alcançar essa proximidade cultural.

O diálogo, ao atuar como um agente que promove a proximidade, permite que o ser humano compreenda as diversas realidades culturais com as quais se depara ao longo de sua vida e história. Isso implica em lidar com mentes e posições

diferentes das suas, mas é fundamental estabelecer um diálogo autêntico com essas realidades. Como afirmado por Puntel (2019, p. 419), "uma boa comunicação nunca se resume a simples troca de informações, mas trata-se da criação de relações". Essa abordagem é corroborada pelo documento de Medellín, que enfoca o diálogo entre a hierarquia da Igreja e as diversas realidades paroquiais, destacando a importância de um diálogo sincero entre diferentes realidades para promover o crescimento de todas as partes envolvidas.<sup>2</sup>

Diversas realidades e perspectivas individuais carregam uma motivação única e especial que as sustentam. O diálogo desempenha o papel crucial de permitir que cada parte envolvida ouça e compreenda a motivação singular do outro, favorecendo assim um diálogo baseado na proximidade e não na condenação.

Compreender o outro e estar receptivo às suas realidades implica em estabelecer uma relação fundamentada na compreensão mútua, liberdade e respeito. A compreensão se manifesta na capacidade de entender a posição e os anseios que motivam a vivência daquela realidade pelo outro. A liberdade surge no encontro entre duas perspectivas: a do emissor e a do receptor, permitindo a liberdade de optar por adotar ou não aquela realidade, e também a liberdade de aceitar ou não o que é compartilhado. Por último, o respeito é essencial para sustentar o diálogo de maneira eficaz, pois sem ele, a proximidade desejada no diálogo se torna difícil de ser alcançada.

Como evidenciado no Documento de Aparecida (2016, §124), em que se afirma que "nenhum conhecimento é autônomo", o diálogo, ao promover a proximidade, contribui para a construção do conhecimento, permeado pelo respeito mútuo, compreensão e liberdade. Todo diálogo genuíno e sua proximidade devem ser concebidos como oportunidades para crescimento mútuo, uma vez que a experiência do outro é enriquecedora e capaz de oferecer perspectivas diferenciadas sobre uma mesma realidade.

O mundo deve ser gerador de estruturas que promovam o diálogo aberto e sincero com todas as realidades. Tanto Medellín como Puebla destaca a importância de uma Igreja que também construa essas estruturas, para que entre os seus membros e aqueles que os representam tenham esse diálogo. Que os pastores

---

<sup>2</sup> MEDELLÍN, 2005, §16.21.

possam dialogar com as realidades de seus “construtores temporais”<sup>3</sup>, tendo esse diálogo poderão ser inseridos muito melhor em realidades que não estão inseridos completamente, gerando assim a possibilidade de auxiliar esses construtores temporais em suas vidas, sem que saiam de suas realidades.<sup>4</sup>

Promover o diálogo como proximidade é interessante não somente para dentro da Igreja, como no paragrafo acima, mas também para fora, com outras igrejas e outras realidades, com isso, passa-se a não existir mais uma imposição de algo, mas um mutuo respeito. “Onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, e se abrem possibilidades de testemunho comum.” (APARECIDA, 2016, §233).

Assim, o diálogo quando praticado na sua excelência, como busca compreender o outro, com liberdade e respeito para com o pensamento e a posição dele, transforma o ser humano em seres próximos e ricos, pois, e gera conhecimento, essa proximidade gera crescimento. Estar inserido na realidade, ou melhor, estar aberto ao diálogo com a realidade do outro, não é aceitar, mas é estar disposto a compreender os motivos que o levam a viver daquele modo e com esse movimento, o diálogo proporcionará, além da proximidade, a paz e a unidade.

### 3.2 O Diálogo e as gerações

Uma das ideias apontada na sessão anterior, é que o diálogo é transmissor de conhecimento, contudo, é preciso que aqueles estejam em diálogo estejam abertos a viverem esse processo. Neste ponto o diálogo é colocado diante das gerações. Como já visto, vivemos em um tempo que despreza os valores tradicionais. Quando se coloca o diálogo ante as gerações, a primeira questão a ser levantada é: quem ajuda quem no crescimento?

Os pais devem preparar uma estrutura familiar, para que seus filhos possam crescer e aprender: costumes, ideias, valores. Todos aqueles que são mais velhos devem auxiliar para que os mais jovens consigam criar uma base, para que suas vidas possam se organizar, quando os mesmos já não estiverem mais sob o cuidado dos mais velhos.

---

<sup>3</sup> Assim é compreendidos os leigos, homens e mulheres que estão inseridos na realidade, no documento de Puebla, 2005, §1227-1228.

<sup>4</sup> MEDELLÍN, 2005, §15.18. PUEBLA, 2005, §1227-1228.

Medellín propõe uma educação, que o formando seja o seu formador no processo, uma educação libertadora, mas que este possa estar aberto ao diálogo com os que estão ao seu lado, dispostos a transmitir conhecimento e valores. Este é um processo que deve ser valorizado e incentivado, compreender e estar aberto em receber o conhecimento.<sup>5</sup>

Medellín destacou três valores fundamentais que a doutrina da Igreja atribuiu à família cristã, a fim de que esta possa cumprir sua missão:

a) Família formadora de pessoas: como responsável pela formação de indivíduos, a família é chamada a assumir a missão recebida diretamente de Deus. É dever dos pais a criação de um ambiente animado pelo amor. É necessária a presença dos modelos distintos e complementares do pai e mãe (masculino e feminino).

b) Educadora na fé: muitas famílias da América Latina são incapazes de se tornar educadoras na fé. Continuam com o modelo patriarcal ou com o mero tradicionalismo. Espera-se dos esposos cristãos que sejam cooperadores da graça e testemunhas da fé.

c) Promotora do desenvolvimento: espera-se que a família cumpra sua missão de ser "a primeira escola das virtudes sociais necessárias às demais sociedades" (GS 3) e, assim, promova a justiça e demais boas obras a serviço de todos os irmãos que padecem de necessidade. (SOUSA, 2018, p. 185).

Como é belo quando o homem chega um dia a certa idade, que ele para, sozinho ou com os seus, e reflete um ensinamento que fora lhe dado pelos seus pais ou avós. Percebendo assim que mesmo que no momento de sua juventude, possa ele ter ignorado algum dos ensinamentos que lhe fora concedidos, um dia em sua vida perceberá o valor da escuta para com os seus e isso o incentiva a também querer transmitir seu conhecimento adquirido.

Porém, na atualidade, os jovens devem estar dispostos a transmitir conhecimentos aos mais velhos, pois, existem realidades que os mais velhos acabam não tendo tanta facilidade para aprenderem sozinhos, como o crescente avanço da tecnologia e outras realidades. Os jovens por estarem mais inseridos, nesta cultura tecnológica, acabam tendo uma facilidade maior de aprendizado, "muitos já nascem mexendo no celular". Portanto, é raro viver nessa sociedade hodierna sem nenhum acesso a tecnologia. Nisto reside a importância da transmissão de conhecimento dos mais jovens para os mais velhos.

Assim, é nítido que vivemos em uma sociedade em que ambos devem se auxiliar, numa via de duas mãos, em que os mais jovens adquirirem conhecimento dos mais velhos que por sua vez recebem a orientação e o conhecimento dos mais

---

<sup>5</sup> Medellín, 2005, §4.8.



jovens. Ou é claro, que no mesmo patamar de idades podem ser transmitidos pelo diálogo o conhecimento. Todos podem contribuir um pouco, basta que ambos estejam dispostos a essa troca. Ideias diferentes deveriam somente se multiplicar, mas muitas vezes, e decerto na maioria das vezes, pensar diferente tem significação divisão.

Vive-se numa época de crises e mudanças que são causas de conflito entre as diversas gerações. Conflitos que estão exigindo sincero esforço de compreensão e diálogo, tanto da parte dos jovens como da parte dos adultos. Trata-se de uma crise que atinge todos os níveis, e, ao mesmo tempo em que produz efeito purificador, traz também frequentemente, a negação dos grandes valores. (MEDELLÍN, 2005, §5.2).

Quando o ser humano compreende que ele precisa somente de si para caminhar e que as realidades externas não valem muito para si, ele se torna um ser imparcial, isolado, criando o seu próprio caminho e excluindo tudo e todos, aprofundando, cada vez mais, a crise do diálogo. É necessário que o mesmo compreenda-se, como integrante de um grupo em que devem proporcionar para todos, crescimento mútuo. Por meio da proximidade que o diálogo promove, gerando conhecimento, a sociedade que permanece unida e aberta a esse movimento transformador do diálogo, fará com que o outro se torne importante e mesmo que com suas diferenças este também tem o seu valor.

### 3.3 O Diálogo como gerador de unidade e justiça

Compreendido o diálogo nesse processo que aproxima as pessoas e que gera na vida das pessoas abertas para isso, um quebrar de barreiras, fazendo com que realidades e mentes diferentes não sejam utilizadas como um sinal divisor e sim como um sinal unificador, o diálogo deve ser também na vida delas um gerador dessa unidade que o mundo necessita. Diferentes culturas e povos devem trazer um grande aprendizado, quando se consegue criar unidade com esses povos. Quanta sabedoria para com a natureza os povos originários podem oferecer e quanto a sociedade atual pode colaborar para com o modo de viver desses povos originários.

Segundo Puebla, é preciso promover uma cultura da comunhão, que todos possam estar em uma harmonia e possam compreender que estão interligados. A Igreja com o anúncio do evangelho, através do diálogo com as realidades existentes,

deve promover a imagem de um evangelho que não gera a divisão e sim que gera a verdadeira unidade. O Cristo, que traz a união do corpo dos batizados é o mesmo que traz a união para com toda a criação.<sup>6</sup>

Em cada função da Igreja, deve brilhar a luz do Cristo unificador. Conforme o documento de Aparecida a Igreja deve se tornar uma “casa e escola de comunhão. Sempre aberta ao diálogo com todos.” (APARECIDA, 2016, §188). Esse diálogo deve ser com todas as realidades do mundo, e de uma forma com que todos possam se compreender. O diálogo como gerador dessa unidade, dessa comunhão, da compreensão de que todos estão interligados em uma mesma realidade, tem como resultado o despertar de uma sociedade que procura a justiça e a igualdade.

É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidade para todos. Igualmente, requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais. (APARECIDA, 2016, §384).

O documento de Puebla (§7.5ss) trabalha com a ideia dos diferentes grupos e pensamentos, traz a compreensão dos tradicionalistas ou conservadores, progressistas e revolucionários. Cada um desses grupos tem como foco questões, algumas voltadas mais para o grupo em que estão inseridos, outros buscam a igualdade e outros a transformação total de toda a estrutura. Muitos desses grupos, dentro da Igreja, acabam trabalhando demais com a fé e esquecendo a ação social, a caridade, outros trabalham demais a caridade, o social, esquecendo assim da fé.

Como afirma o Documento de Puebla, "ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço ao irmão é a evangelização, que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente" (Puebla, 1145). Tais critérios evangélicos de serviço ao necessitado evitarão qualquer tentação de convivência com os responsáveis das causas da pobreza, ou perigosos desvios ideológicos, incompatíveis com a doutrina e a missão da Igreja. (JOÃO PAULO II, 2005, p. 600).

É preciso que esses grupos superem “pela justiça e fraternidade os antagonismos, para se transformarem em agentes do desenvolvimento nacional e continental” (MEDELLÍN, 2005 §1.13); somente assim poderá ser pensado um país,

---

<sup>6</sup> Puebla, 2005, §1114.

um mundo mais justo e fraterno. É necessário que a estrutura se transforme no geral, principalmente visando àqueles que não têm a mesma oportunidade dos grandes, se a transformação não partir do olhar para os pobres e marginalizados, toda a mudança tende ao fracasso.<sup>7</sup>

Ser discípulos e missionários significa assumir a atitude de compaixão e cuidado do Pai, que se manifesta na ação libertadora de Jesus. “A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força dominadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna”. Conhecer os valores culturais, a história e as tradições [...], entrar em diálogo fraterno e respeitoso [...], é um passo importante na missão evangelizadora da Igreja. (APARECIDA, 2016, §532).

Todos os homens são chamados a viverem essas realidades que o diálogo promove, como destacados dos documentos do CELAM, realidade de proximidade com o outro, abertura a escuta e ao aprendizado entre gerações e o diálogo que gera a unidade e traz a justiça a todos e a todas. É necessária uma pequena mudança em todos os homens, para que assim essa realidade possa acontecer em que todos não precisam esperar o céu, mas que possam viver essa realidade no aqui e no agora, como Jesus em sua missão, que quis implantar o reino de Deus no aqui e agora, possa os homens, fazer esse desejo uma verdade plena.

### 3.4 O diálogo e as culturas

Compreender o valor de cada cultura e a sua importância dá uma nova chama de esperança e paz para muitos desses povos, que por muito tempo sofreram e foram perseguidos por pensarem de forma diferente. Estar em diálogo com as culturas é poder estar inserido nessa realidade tão vasta que tem cada cultura na sua personalidade.

Essa inserção cultural é algo que todos deveriam viver em suas vidas, não no desejo de se inserir e ali transformar e no fim acabar com aquela cultura, mas é poder se inserir e se beneficiar daquilo que tem de mais precioso em cada povo. Ter a compreensão que as diferenças não são realidades ruins, mas as diferenças são realidades transformadoras.

---

<sup>7</sup> Puebla, 2005, §1260.

Como é belo e grandioso o que cada povo pode trazer para beneficiar a todos e como é belo a unidade que o diálogo pode inserir na vida de todos, trazendo assim a paz e a Justiça.

Ainda no campo cultural, Puebla se coloca ao lado das populações locais, assimiladas na linguagem do documento na perspectiva da opção preferencial pelos pobres. Um texto paradigmático nas conclusões de Puebla é o do Cristo que assume as várias feições do pobre latino-americano (DP 31-42). Assim as crianças, os jovens, os indígenas, camponeses, operários desempregados e subempregados, os marginalizados e os anciãos são entendidos na perspectiva do Cristo. O sofrimento do pobre latino-americano passou a ser visto na perspectiva do sofrimento de Cristo, as angústias dessa população, assumidas como parâmetro para a evangelização e a busca pela dignidade, como horizonte. (MARCHINI, 2019, p. 498).

Na época da colonização da América Latina, ocorreu o encontro de culturas, as que chegavam aqui e as que já estavam aqui. As culturas que já estavam aqui, eram culturas que mesmo que parecidas, tinham diferenças de crenças e modos de viver, traziam consigo uma forma de organização estrutural de suas tribos, uma forma de religiosidade, formas diferentes de alimentação, histórias e mitos próprios de seu povo. Da mesma forma os que vinham para as Américas, os que por muito tempo eram considerados descobridores de uma terra já descoberta, tinham a sua própria cultura.

Com a colonização, muitas culturas foram extintas e outras através das inculturações permanecem vivas até hoje. Essa é uma terra rica em culturas, uma terra cheia de vida e história, mesmo que muitos tentaram sufocar a história, não conseguiram plenamente, um respiro ainda sobrevive dos povos originários dessas terras. Com esse encontro, é nítido que a maior riqueza das Américas não é o ouro, mas a grande variedade de culturas, que foi crescendo, com a unidade das culturas locais, das que colonizaram e posteriormente as culturas que foram feitas escravas e trazidas para essas terras.

A riqueza e a diversidade cultural dos povos da América Latina e do Caribe parecem evidentes. Existem em nossa região, diversas culturas indígenas, afroamericanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas. As culturas indígenas se caracterizam sobretudo por seu apego profundo à terra, pela vida comunitária e por uma certa procura de Deus. Os afro-americanos se caracterizam, entre outros elementos, pela expressividade corporal, o enraizamento familiar e o sentido de Deus. A cultura camponesa está referida ao ciclo agrário. A cultura mestiça, que é a mais extensa entre muitos povos da região, tem buscado em meios às contradições sintetizar ao longo da história estas múltiplas fontes culturais originárias, facilitando o

diálogo das respectivas cosmovisões e permitindo sua convergência em uma história compartilhada. A esta complexidade cultural haveria que se acrescentar também a de tantos imigrantes europeus que se estabeleceram nos países de nossa região. (APARECIDA, 2016, §56).

Todas essas culturas, esses modos de viver, fazem parte de um único povo, de uma única nação, de um único continente, culturas diferentes que vivificam toda a estrutura das Américas. Cada qual com o seu jeito e costumes, de alguma forma favoreceram aquilo que hoje a sociedade é. Todas essas culturas ensinam aos seus povos algo diferente, que completa as suas vidas, tanto formas estruturais políticas, econômicas e religiosas.

Como já dito, por muito tempo, e através disso muitos povos e culturas foram dizimadas, era imposta uma forma de viver, um único modo de ser e hoje a sociedade sente a culpa dessas ações anteriores a ela, porém, tem o desejo de uma mudança, mesmo que tardia, mas sabida ser necessária. Essa mudança deve ser um reavivamento da esperança para todos os povos, através do diálogo intercultural, um diálogo que procura promover cada vez mais a aproximação e o respeito entre todos os modos de viver e ser.

Essa nova realidade se baseia em relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança. (APARECIDA, 2016, §97).

É preciso cada vez mais uma estruturação em toda a América que através do diálogo possa garantir o direito, a dignidade de todos os povos e culturas. A Igreja com a sua missão de evangelização, deve sim anunciar o Cristo, e nesse anúncio, demonstrar o espírito de unidade que emana de Jesus. Através de suas pastorais e movimentos buscar assim, compreender e responder as necessidades de cada povo. Que esse diálogo, entre a Igreja e as culturas podem ser o despertar dessa esperança de um mundo de unidade e paz.

A ação de Deus, através do seu Espírito, dá-se permanentemente no interior de todas as culturas. Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho Jesus Cristo, que assumiu as condições sociais e culturais dos povos e se fez "em tudo como nós, com exceção do pecado" (SANTO DOMINGO, 2005, p. 243).

Por fim, que todos os povos e nações, possam encontrar no diálogo a esperança para uma sociedade cada vez mais próxima, geradora de conhecimento e respeito, uma sociedade que tenha como centro a pessoa de Cristo, que em tudo, mesmo nas dificuldades e diferenças, anunciou o amor e a verdade do Reino de Deus que é a unidade. Uma Igreja, uma sociedade que busca o respeito com todas as pessoas e povos, principalmente com aqueles que são marginalizados e desprezados por muitos, que a partir deles, possa nascer uma sociedade edificada no diálogo, gerando a justiça, unidade e a paz.

### 3.5 Cristo e a realidade escatológica do diálogo

A realidade escatológica da vida é o pleno diálogo com aquilo que há de vir, viver aqui aquilo que é certo na consumação dos tempos, fazer desta realidade temporal um protótipo daquilo que se viverá um dia. Tendo esse objetivo, muitos questionamentos são levantados, mas destaca-se aqui: o como viver e como saber se está vivendo de modo correto?

Conforme Santo Domingo, Cristo é a própria revelação do homem para o próprio homem, o modo que o ele deve ser é viver como o próprio Cristo viveu. Uma vivência que não se distanciava das realidades marginalizadas, ele se aproximava muito mais desses. A boa nova devia ser anunciada a todos, como por ele era anunciada, sem olhar nenhuma realidade específica. Assim se faz uma evangelização que promove e dignifica o homem em todas as situações, através do Evangelho que anuncia e dialoga com a realidade, promovendo uma sociedade mais justa e fraterna.

Sabemos que, em virtude da encarnação, Cristo se uniu de certo modo a todo homem (cf. GS 22). Ele é a perfeita revelação do homem ao próprio homem e revela a sublimidade de sua vocação (GS 22). Jesus Cristo se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude, elevando nelas o que é bom e purificando o que se encontra marcado pelo pecado. (SANTO DOMINGO, 2005, §13).

As conferências episcopais tem uma missão que é trazer respostas para diversas realidades de vidas que se encontram em toda a América Latina, respostas estas que possam dignificar a vida dos homens e, ao mesmo tempo anunciar o próprio Cristo, nesta realidade é destacada a importância do diálogo na vida da

Igreja nesta realidade temporal. Como diz o documento de Aparecida (2016, §13): A “abertura do diálogo entre os cristãos para assim vivificar a fé no nosso continente”; uma realidade de diálogo entre os que anunciam o mesmo Cristo é um exemplo e testemunho de um verdadeiro evangelho, um processo de avivamento do próprio anúncio. Olhando assim para o próprio Cristo que se faz unidade, a Igreja, deve se promover unidade em todas as suas ações.

“Povo de Deus, sinal e serviço de comunhão”. Entende-se que a Igreja é todo o povo de Deus. Um povo-sinal, que aponta a possibilidade real de a humanidade viver em comunhão. Um povo-serviço, que faz acontecer o sonho de comunhão das pessoas e comunidades do continente. Pois “nosso povo deseja uma libertação integral que não se esgote no quadro de sua existência temporal, mas que se projete na plena comunhão com Deus e com os irmãos na eternidade, comunhão que já se começa a realizar, embora imperfeitamente, na história” (DP 141). (FELLER, 2019, p. 235).

A Palavra de Deus, através das sagradas escrituras deve permear a vida de todos os discípulos e discipulas, estes que anunciam a verdade do Cristo, ali está um norte de como Cristo viveu e como os apóstolos continuaram vivendo e sendo sinais reais da presença do Cristo nesta realidade temporal. Hoje, quem conduz a Igreja para que exista um bom êxito em sua missão é o próprio Espírito Santo, o mesmo que é gerado pelo diálogo verdadeiro entre o Pai e o Filho. Portanto, a missão movida pelo Espírito faz com que o diálogo seja essencial.

Aquele que é movido pelo Espírito e está aberto a vivência plena dos mandamentos de Cristo, esse procurará em seu trabalho, em sua casa, em seu dia a dia, viver o diálogo que traz a unidade e traz a dignidade a todos os homens. Vivendo assim, essa realidade de *exousian*<sup>8</sup>, o discípulo ou a discipula, procurará sempre ser com o diálogo a libertação, a cura, a esperança, procurará ser sempre o sinal de Cristo Libertador na vida daqueles que mais necessitam de libertação de amor.

O sentido último do compromisso da Igreja com a promoção humana, reiteradamente pregada em seu magistério social, está na firme convicção de que “a verdadeira união social externa decorre da união dos espíritos e dos corações, isto é, da fé e da caridade” (GS. 42). “Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece força libertadora e criadora do desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade, faz reconhecer a dignidade de cada pessoa, predispõe à solidariedade, ao compromisso e ao serviço dos irmãos” (RMi 59), “mantendo sempre firme a

---

<sup>8</sup> Autoridade dada por Cristo aos seus discípulos, para que continuassem a manifestação do Reino de Deus em sua missão.

prioridade das realidades transcendentais e espirituais, premissas da salvação escatológica" (RMI 20). Assim procedendo, a Igreja oferece a sua participação específica à promoção humana, dever de todos. (SANTO DOMINGO, 2005, §157).

Conclui-se assim que a realidade escatológica do diálogo é a atualização da própria vivência do Cristo, que tinha como missão trazer a manifestação do Reino de Deus nessa realidade temporal, portanto, o discípulo ou discípula deve através de suas vidas darem continuidade a essa manifestação do Reino de Deus aqui.

A Igreja não pode de maneira nenhuma deixar que lhe seja arrebatada, por qualquer ideologia ou corrente política, a bandeira da justiça, que é uma das primeiras exigências do Evangelho e, ao mesmo tempo, fruto da chegada do Reino de Deus (JOÃO PAULO II, 2005, p. 600).

O diálogo promoverá cada vez mais, proximidade, conhecimento, mas principalmente, tendo o diálogo verdadeiro com as realidades, despertará o desejo de promover a dignidade para todos, que todos possam ser um em Cristo, que todos possam ser dignos de pertencer a esse corpo, mas que todos possam ter a dignidade, enquanto esperam ansiosos a consumação dos tempos.



#### 4 UM MOVIMENTO ESPIRITUAL TRANSFORMADOR

Algo próprio do magistério latino-americano é o método utilizado para a elaboração de seus documentos. Quando proposto algum tema específico, as conferências procuram levar uma resposta para a realidade ali apresentada, trilhando, assim, um percurso com esse método. Os seus passos são: ver, julgar e agir. Como este trabalho baseia-se no pensamento do magistério latino-americano, em todo o seu corpo foi aplicado esse método.

Para o primeiro capítulo, fora proposto o “ver” dessa realidade fragilizada pela falta do diálogo e do avanço exponencial do individualismo. Com o segundo capítulo, destacou-se o “julgar” a partir dos ensinamentos do magistério latino-americano, trazendo o que o magistério trabalha com a ideia do diálogo e a sua importância.

Neste terceiro capítulo é proposta uma reflexão sobre o dinamismo do agir, trazendo respostas teológicas para uma transformação dessa sociedade fragilizada pelo individualismo. O seu objetivo é: a partir da compreensão do magistério latino-americano sobre o diálogo, propor uma nova perspectiva de espiritualidade voltada para o diálogo, como uma resposta para a crise gerada pelo individualismo, ligando por fim com o presente pontificado de Francisco, em que a sinodalidade deve ser um auxílio inspirador da justiça e fraternidade.

Assumindo referências teológicas, esse capítulo procurará propor um novo *modus vivendi*, em que a humanização do Cristo seja, para os homens, sinal de uma verdadeira humanização.

Acredita-se que a conversão de mentalidade implica um processo de significativa transformação. Conseqüentemente, a busca pelo individualismo deixará de ser um objetivo almejado pelo ser humano, sendo substituída pela busca da comunhão. Nesse sentido, o indivíduo buscará dialogar com as diversas realidades presentes na vida das pessoas e, tocado pelo próprio Cristo, procurará viver ao lado dos marginalizados da sociedade, adotando uma opção preferencial pelos pobres.

Compreendendo que a espiritualidade é um movimento transformador para o ser humano, propõe-se, com ênfase, a espiritualidade dialogal. A unidade com o outro por meio do diálogo deve proporcionar a ambos um crescimento e transformação significativos. O diálogo deve promover e despertar no indivíduo o desejo de viver como Cristo e ser uma presença verdadeira de Cristo no mundo. Esse Cristo, que sempre esteve junto aos homens e, mesmo ascendido ao céu,

enviou o Paraclito para que o diálogo continuasse, garantindo a continuidade da unidade com a humanidade.

Movidos pelo mesmo Espírito, o sujeito, de modo particular, continua a missão e, sendo presença do Cristo com a sua própria vocação, poderá, por meio do diálogo, ser luz na vida dos outros homens e mulheres, pois, viver a vocação pessoal supõe estar em sintonia com o outro. Vocação é a escuta de uma voz que ecoa dentro de si e que te faz sair para uma missão. Isso é sinal de ligação, de unidade com o irmão. Um sinal verdadeiro e transformador, um testemunho de vida, que tocará a muitos.

Por fim, este terceiro capítulo trará a discussão da sinodalidade, proposta pelo Papa Francisco, que é um movimento de abertura e diálogo para com todas as realidades, por uma Igreja que escute o seu povo. Francisco, por ser originalmente argentino, ao ser escolhido pelo Espírito Santo para conduzir a Igreja, leva consigo o jeito particular de ser Igreja latino-americana. Uma Igreja que procura e escuta as realidades e uma igreja que vá atrás daqueles que são marginalizados pela sociedade, gerando assim, através do diálogo e do serviço, uma sociedade cada vez mais justa e fraterna.

#### 4.1 Respostas para a atualidade

Tendo no primeiro capítulo, refletido sobre os problemas da sociedade atual, chegou-se à conclusão de que o maior problema é o engrandecimento do eu, que leva ao crescimento de cultura individualista, em que o eu é mais importante que o nós, o desejo pessoal, a compreensão pessoal está sempre acima do que o outro pensa e sente.

Portanto, a pergunta que sobressai deste questionamento é: como combater essa cultura do individualismo? O que é necessário para mudar toda essa realidade? Essa mudança deve vir da base, refletindo na estrutura da sociedade atual. É necessário um movimento de compreensão e conversão que parta de cada um. O desejo de transformação deve ser algo que impulse cada homem e mulher, fazendo assim que as suas ações transformem também os seus. O testemunho vivo deve ser sinal dessa nova mudança. Ocasionalmente assim uma verdadeira mudança nas estruturas, refletindo o verdadeiro desejo dos homens.

A doutrina social da Igreja toma como referência a imagem de Tomé que coloca o dedo na ferida aberta de Jesus, para compreender assim a sua realidade, penetrando verdadeiramente na dor que este está passando. O sujeito, tendo o exemplo de Tomé, compreende que é necessário tocar no outro, na história do outro, adentrar a realidade do outro, estimulando-o a viver em sua vida um movimento de promoção humana. É necessária tomar consciência, compreender que algo necessita mudar para que a sociedade seja aos poucos transformada.

Contudo, ainda continua em pé a pergunta de como mudar essa sociedade corrompida pelo individualismo estrutural. O capítulo anterior terminou com a apresentação do Cristo e a realidade escatológica do diálogo. Este capítulo traz o próprio Cristo como resposta a esse questionamento. O Cristo sinal de uma nova humanidade desejada pelo próprio criador.

#### 4.1.1 Cristo: sinal de um novo homem

No primeiro capítulo se trabalhou algumas dimensões que estão presentes no ser humano, que por vezes muitos pensadores traziam como resposta para a pergunta: quem é o homem? A compreensão do sujeito como sendo somente um ser racional ou um ser relacional. Na teologia, o homem por muito tempo não era visto com a sua dignidade, mas sim como um ser incapaz, corrompido pelo pecado, sem a capacidade de se levantar sozinho e assim conseguir ser diferente. A culpa do pecado não o permitia nada além do que amarras.<sup>9</sup>

Em Gênesis (1, 26-27) se fala de uma verdadeira característica do homem que ficou escondida devido à falsa compreensão do mesmo, ferido por sua culpa, que não tinha força nem a dignidade de relacionar-se verdadeiramente com Deus. Esse versículo traz a seguinte verdade: ao criar o ser humano, Deus disse: “façamos à nossa imagem e semelhança”, portanto, o homem é imagem e semelhança de Deus: “Deus criou o homem à sua imagem, à sua imagem ele os criou”. Com essa compreensão, resgata-se a verdadeira dignidade humana que havia sido perdida.

Este já não é mais somente um ser racional ou um fraco e sem dignidade, mas passa a ser a imagem e semelhança de Deus. Não se pode negar que, devido

---

<sup>9</sup> BLANK, 2010, p. 118

ao pecado original, o homem foi privado de muitas coisas, como a vida eterna, mas através da encarnação do Cristo, foram novamente abertas as portas do paraíso.

Cristo, sendo o verbo do Pai, o Bará<sup>10</sup>, Ele que estava em Deus desde o princípio de tudo e estará até a consumação de tudo, sendo verdadeiro Deus, se encarnou no corpo de uma jovem virgem, tornando-se assim verdadeiro homem. Aquele que é verdadeiro Deus também é verdadeiro homem. A encarnação do Cristo é antecipação do Reino de Deus, pois com Ele o homem pôde tocar uma nova realidade, com Ele o homem pôde compreender a ação e o desejo verdadeiro de Deus. Um reino que não existe dor, não existe deficiências, um reino em que todos fazem parte de um mesmo corpo e todos vivem no amor.

Não somente uma antecipação do Reino de Deus, ou a compreensão de quem era Deus, mas Cristo, de modo especial com a sua encarnação, revela o desejo do Pai para como o homem e a mulher devem ser. É pela humanização de Cristo que o homem conseguirá se humanizar também. A transformação do homem está nessa palavra-chave, humanizar, somente com ela compreenderá como ser como o Cristo.

Se quisermos saber como o homem, nos olhos de Deus, foi concebido, temos de olhar de novo para a pessoa de Jesus. Sendo ele realmente aquele verdadeiro homem, em cujo ser Deus se encarnou, é óbvio que essa encarnação humana de Deus corresponda em plenitude também àquilo que o próprio Deus imagina uma **pessoa humana** ser. (BLANK, 2010, p. 120)

Assim como citado a cima, destaca-se aqui uma compreensão trabalhada por Blank que é a *kenosis* de Deus. Através da pessoa do Cristo, Deus exerce esse movimento *kenótico*, renunciando assim todos os atributos de poder que cabe a Ele. Em Cristo, Deus se mostra, como aquele que serve e não é servido. O homem já é a imagem de Deus e com a encarnação do Verbo, este conseguirá se assemelhar cada vez mais a Deus, pois no Cristo que consegue se compreender como Deus é. E para que aconteça verdadeiramente este assemelhamento, o homem também necessita passar por esse movimento *kenótico*, deixar de servir a sua vontade e impulsos de dominação e poder e viver um curvar-se, um servir, sendo portadores da justiça, fraternidade e amor.

---

<sup>10</sup> Verbo criador.

A descensão quenótica de Jesus Cristo tem como ponto de descida sua condição divina que se movimenta na direção da condição humana, num gesto de total e absoluta solidariedade. Assumir a humanidade naquilo que ela tem de humano propriamente dito é o primeiro testamento do descendimento de Jesus Cristo. Neste primeiro estágio da quenosis, fica claro que o divino e o humano podem comungar plenamente num formato inconfundível e inseparável. Não existe oposição entre divino e humano, pois o divino em Jesus Cristo não significa um privilégio fechado em si mesmo à revelia do humano, mas algo dinâmico, que vai ao encontro e visita o humano. Este movimento quenótico significa, portanto, a humanização da divindade de Jesus Cristo na mediação humana de sua encarnação. A partir daqui o ser humano, desde sua humanidade, pode comungar da divindade de Jesus Cristo, configurando-se a sua divindade humanizada. A configuração a Jesus Cristo neste primeiro nível implica em fazer um caminho humanizador que liberte o humano de toda condição escravizante. (PRATES, 2010, p. 166)

Na carta aos Filipenses, Paulo e Timóteo exortam a comunidade de Filipos para que vivam na humildade, terem dentro de si os mesmos sentimentos de Cristo<sup>11</sup>. Com esta exortação também direcionada a todos nos dias atuais, é necessário compreender a palavra configuração, que significa moldar-se a algo. Todos são chamados a configurar-se nos sentimentos de Cristo.

Cristo em todas as suas ações traz a humildade, a pequenez, devido o movimento *kenótico* de abster-se de todo poder dominador, faz assim que a sua vida possa sempre resplandecer a simplicidade e a proximidade. Deixar de lado essa mentalidade que o faz se autocompreender como superior a todos é a chave para entender como o sujeito se deve moldar ao Cristo nos dias atuais. Se o próprio Deus se fez igual a todos, como ainda pode existir alguém superior a todos?

A transfiguração de Jesus deve ser para os homens um sinal de que ele também necessita dessa transfiguração, o rosto humano de Cristo, resplandeceu o seu rosto divino. Esse processo da transfiguração é direcionado a cada homem, pois em Cristo o homem se humaniza, para assim divinizar-se.

Durante sua trajetória, Cristo frequentemente se posicionava à margem da sociedade. Ao se colocar junto daqueles que eram marginalizados, Ele se identificava com suas realidades de maneira intencional e empática. Um exemplo disso pode ser encontrado em Marcos (1,40-45), quando um leproso lhe pede cura. Cristo não apenas concede a cura, mas também instrui o homem a não divulgar o ocorrido. No entanto, o evento foi amplamente divulgado. Consequentemente, de acordo com as leis de purificação dos judeus, Cristo teve que se retirar temporariamente da cidade, impossibilitado de entrar nela. Assim, Cristo se envolvia

---

<sup>11</sup> Fl. 2,5

tão profundamente com a realidade dos outros que se colocava à margem da sociedade, vivendo a mesma condição dos marginalizados, como o leproso.

Mesmo com as consequências de sua cultura local, Cristo não mede esforços de fazer a vontade do Pai e restituir a dignidade a todos, não somente aqueles que têm certo poder cultural, mas principalmente daqueles que são excluídos, os pequenos, os pobres. Portanto, como a sociedade atual fragilizada pelo egoísmo, pode sair desta realidade e transformá-la, permitindo assim que se viva uma harmonia dialogal que gere a justiça e a fraternidade?

Mesmo que com diferentes religiões e culturas, muitos não negam a grandeza do Cristo, como um homem exemplar. Muitos que não creem em sua divindade o tem como exemplo de vida, por ter sido um bom homem. A partir da realidade pessoal de cada um, é preciso que haja um movimento de conversão verdadeira, pois, a mudança de um, pode ser a mudança de muitos. É necessário que os homens passem pela conversão pessoal e compreendam que assim como Cristo, também eles são como os outros e queiram tocar na ferida do marginalizado.

Com a humanização de Cristo o homem se humaniza, com a humanização do homem em Cristo, ele se transfigura e se diviniza junto com o Cristo. Todo sujeito tem a sua dignidade, esta que Cristo deu valor, mas essa dignidade é mais valorizada quando o homem compreende que necessita viver como o Cristo. É preciso sair do egoísmo e sem medo algum, mergulhar na realidade do diálogo, se aproximando e sendo a diferença na vida daqueles que não são vistos por ninguém.

#### 4.1.2 A opção evangélica pelos pobres

Compreender a opção preferencial pelos pobres é compreender o sentido de toda a pregação e ação de Jesus. Por primeiro é necessário compreender quem é esse pobre e como deve ser entendida essa preferência. De acordo com o teólogo Paulo Sérgio Lopes Gonçalves<sup>12</sup>, para que exista a compreensão dessa categoria pobre é necessário observar a sua tríplice dimensão: uma pobreza que provém da carência econômica e social, uma pobreza de despojamento espiritual e uma pobreza de compromisso.

---

<sup>12</sup> 2019, p. 428

A pobreza que provém dessa carência econômica e social é exatamente a das pessoas que socialmente são marginalizadas pela sua classe, raça, identidade de gênero, culturas, religião. Em todo aquele que é colocado de lado na sociedade, nestes, como diz Puebla é necessário ver nos rostos deles, os rostos dos que sofrem e que necessitam ser vistos e ouvidos e principalmente acolhidos. “A partir desses rostos ouve-se um grande clamor por justiça, fraternidade e promoção da dignidade humana”.<sup>13</sup>

A segunda dimensão da pobreza refere-se ao despojamento no sentido de abertura e confiança na ação divina. Embora se possa possuir bem material é fundamental não se apegar a eles, mantendo uma vida simples e orientada para a doação. E a terceira é da pobreza evangélica, a aquele que se abre ao compromisso de viver uma vida simples, mas principalmente ao compromisso com aqueles que são marginalizados pela sociedade. Nesta dimensão é preciso estar aberto ao servir e ao denunciar toda estrutura que não dignifica o homem.

Na esteira da mais genuína tradição cristã, o martírio constitui, simultaneamente, vértice do testemunho de fé e máxima floração de solidariedade, fidelidade e generosidade humanas. Nesse sentido, embora paradoxal, o martírio se apresenta como fecunda sementeira a produzir frutos preciosos e perenes. Por essa razão, a experiência do martírio se nos afigura como uma grande interpelação: compadecer-se dos pobres e inserir-se em sua realidade sofrida para, assumindo essa realidade "crucificada", deixar-se conduzir à experiência de ressurreição. (TAVARES, 2018, p. 243)

No Evangelho de Mateus (25,34-45)<sup>14</sup> é destacado um pouco dessa tríplice dimensão da categoria pobre, em que o próprio Cristo mostra a todos qual deve ser o sentido da vida do homem em sua existência. Os irmãos mais pequeninos que é citado no final desta passagem são exatamente aqueles que trazem em seus rostos o clamor por libertação, o clamor de serem vistos, o que tinha fome, sede, peregrino, o que estava nu, doente, o preso. E para aqueles que seguem o Cristo é necessário além do despojamento espiritual o compromisso verdadeiro a serviço desses que mais necessitam. A humanidade de Cristo faz o homem mais humano e como o

---

<sup>13</sup> 2019, p. 428

<sup>14</sup> “[...] porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim. Os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?’. Responderá o Rei: ‘Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.’”

Cristo tocou na ferida de tantos, o homem também é chamado a tocar nas feridas e cuidar delas.

Acolhida como autêntico "sinal dos tempos" no duplo sentido acima explicitado, a irrupção dos pobres fez com que a Igreja se aproximasse cada vez mais do mundo dos empobrecidos para aprender com eles a interpretar e a viver de maneira mais coerente o Evangelho, testemunhando a intrínseca dimensão sociolibertadora da fé. Este processo provocou o movimento de inserção no "mundo dos pobres" como experiência de conversão. (TAVARES, 2018, p. 243)

A compreensão da opção evangélica ou preferencial pelos pobres é uma continuidade ao entendimento dessa humanização do Cristo que humaniza a todos. É preciso abrir os olhos e fazer um movimento de despojamento para que assim todos possam tentar transformar a dor de muitos. Assumindo esta humanidade, o indivíduo quebra da realidade atual todo o egoísmo o individualismo, pois neste movimento, o mesmo deixará de olhar para si e olhará para o outro.

#### 4.1.3 Trindade: sinal de comunhão

A Trindade deve ser para todos os homens e mulheres sinal de uma verdadeira comunhão. Compreender a sua essência verdadeira, aquilo que os unem, mas também as suas diferenças que não os distanciam, mas os unem ainda mais, é uma forma catequética para que o homem possa crescer cada vez mais e entender que a comunhão, o diálogo pode ser na vida de todos uma grande transformação.

Cada pessoa da Trindade tem a sua missão, que as diferenciam como pessoas, Deus é uno-trino. O Pai tem a sua missão como criador e sustentador de toda a obra da criação; o Filho encarnado tem como missão implantar o reino de Deus, mostrando ao homem o verdadeiro desejo de Deus que é a sua redenção; o Espírito Santo é aquele que provém do Pai e do Filho, tendo como missão a santificação de todos.

O princípio teológico que rege a eclesiologia de koinonia é a comunhão trinitária, em que Deus é concebido como substância divina, constituída de pessoas divinas, cuja identidade singular é assegurada pela propriedade e missão, e cuja relação é garantida pela *pericórese* à medida que as pessoas são simultaneamente distintas e entrelaçadas umas com as outras. Trata-se de um mistério de comunhão de amor entre Pai, Filho e Espírito Santo, e por ser mistério é o *absconditus* que se revela na história, por meio



de Cristo, tendo o homem como seu destinatário e interlocutor. (GONÇALVES, 2019, p. 430).

Cada um traz em si a sua missão, mas os três demonstram uma única essência que é o amor, que gera assim entre eles a verdadeira *Koinonia*, a verdadeira comunhão. Cada homem é um e tem os seus dons pessoais, mas deve compreender-se integrante de um único corpo, com uma única cabeça. Tendo essa compreensão o mesmo deve estar aberto ao diálogo com o outro, para que através de suas diferenças possam também viver uma verdadeira *Koinonia*, uma verdadeira comunhão, gerando assim a justiça e a fraternidade.

#### 4.2 Um movimento espiritual

Neste ponto será apresentada a espiritualidade, e a transformação que ela proporciona ao homem. Espiritualidade não visando somente o âmbito religioso, mas compreendendo o seu significado restaurador que proporciona ao homem uma compreensão de si e um desejo por uma mudança verdadeira de si e da realidade atual. Como proposta de um movimento espiritual, nesta seção será apresentada a importância do diálogo para esse movimento, este como um método para que o homem possa cada vez mais voltar o seu ser, não mais somente para si, mas também para o outro, transformar a realidade individualizada em uma realidade dialógica.

##### 4.2.1 A espiritualidade como sinal de mudança e renovação

A espiritualidade é um movimento que o sujeito faz dentro de si no sentido de uma transformação pessoal, podendo ser tanto em âmbito religioso, vinculado a uma fé específica, quanto a um ato pessoal desvinculado de um credo. Renato de Lima Costa trabalha com em outros autores, mostrando que a espiritualidade é um movimento do espírito do homem, não apenas carnal e nem relativo somente à alma, mas é algo que une os dois. Um movimento que compreende a realidade corpórea e a transforma em algo que reflete no íntimo do homem.

Assim, nesta perspectiva, "espiritualidade" é um termo comumente citado em muitas ofertas de caminhos, práticas e receitas, entre outras opções, que visam orientar o indivíduo acerca da importância do cultivo de uma vida

que, para além das dimensões materialistas, considere observar e cuidar também das necessidades de construção de um "eu" melhor para si e, conseqüentemente, para a sociedade na qual se está inserido, equilibrando necessidades puramente egoístas com práticas mais solidárias de vida, promovendo o bem comum e a paz compartilhada, a "vida contemplativa", como colocado na referência anterior, e tudo isto sem, necessariamente, haver qualquer ligação com uma tradição religiosa mais específica, isto é, sem a necessidade de profissão de adesão a qualquer fé religiosa. (COSTA, 2017, p. 99)

Espiritualidade, o homem é chamado a uma transformação de si, aquela experiência que de alguma forma o toca, o faz se transformar, como diz Costa, se tornando um "eu" melhor para si' e em consequência para todos. Um tocar no mais íntimo de si mesmo, compreender uma parte daquilo que o constitui, compreender se é algo bom e que deve ser valorizado ou que necessita ser ressignificado.

A espiritualidade traz alguns aspectos que auxiliam nesse movimento de transformação. Ela pode estar ligada a uma forma de se conectar com algo transcendente, maior que o homem e em que ele procura uma força, uma divindade, uma força da natureza, não importa, mas algo maior, que transmita algo para o homem. Todo movimento espiritual deve trazer um propósito, algo que transformará a vida daquele que o pratica.

Esse movimento pode ser exercido de várias formas, como uma oração, como uma escuta, um culto, uma leitura, um diálogo, práticas particulares de acordo com a personalidade de cada um, que o auxilie com facilidade a ter esse contato com o espiritual. A espiritualidade sempre provocará uma transformação se assim for permitido. Como fora dito acima não precisa de uma religião, de um credo específico para que possa assim o homem viver uma espiritualidade, basta querer e estar aberto a essa experiência.

Contudo, a proposta aqui é uma espiritualidade voltada a uma visão cristã, ligada ao credo católico, que também não tem uma receita de como praticar e que depende da experiência de cada um, mas, é uma espiritualidade fundamentada na no encontro com o Cristo, assim como destaca Pádua (2021, p. 36): "a espiritualidade cristã é vida integral no Espírito de Cristo."

O indivíduo é convidado de forma pessoal e por meio de um método particular a experimentar Cristo, morto, mas ressuscitado. Este convite implica compreender em Cristo um novo modo de ser, um caminho a seguir sem medo. Através de um movimento interno, o indivíduo é levado a reconhecer as áreas de sua vida que

necessitam de melhoria. Sob a luz de Cristo, esse processo de *metanoia*, oferecido pela espiritualidade, proporciona uma transformação profunda da mentalidade.

Portanto, o homem no silêncio de seu interior, ou com uma música que o faz interiorizar, ou com a contemplação de uma obra artística, sendo guiado pelo Espírito de Cristo, terá essa experiência transformadora, tornando-se assim cada vez melhor, se assemelhando cada vez mais ao próprio Deus, através da experiência viva e transformadora de Cristo. Passar por uma conversão, sem sair da realidade que se vive, ser santo sem deixar de tocar a realidade temporal. Através de uma experiência pessoal com a realidade tangível, mediada pelo espírito, é possível transformar a alma, promovendo um aperfeiçoamento individual que beneficia tanto a si próprio quanto a todos ao redor.

#### 4.2.2 O diálogo como uma nova espiritualidade

Diferentes formas de espiritualidade podem ser encontradas, pois, como já falado, não existe uma forma certa que compreende a todos, mas uma forma certa para cada indivíduo em si. Pode-se compreender isso a partir das palavras do Papa Francisco quando fala das várias formas de espiritualidades:

O próprio Francisco escreve, na sua Exortação sobre a santidade, *Gaudete et Exsultate* (FRANCISCO, 2018, n. 28, p. 23), que ofereceu uma “espiritualidade da missão” na *Evangelii Gaudium*, uma “espiritualidade ecológica” na Encíclica *Laudato sí*, uma “espiritualidade da vida familiar” na Exortação *Amoris Laetitia*, como caminhos de identificação com Jesus Cristo e de sentido de nossos esforços. Podemos acrescentar que oferece uma espiritualidade da vida comum na Exortação *Gaudete et Exsultate* e da fraternidade na Encíclica *Fratelli Tutti*, com o mesmo objetivo. Trata-se de caminhos espirituais unificadores em seu magistério. (PÁDUA, 2021, p. 36)

Assim, pode-se compreender que existem várias formas de viver uma espiritualidade, inclusive a aqui proposta, uma espiritualidade dialogal, como propõe Francisco. Veremos isso no tópico a seguir sobre o movimento sinodal.

Como destacado no ponto anterior a espiritualidade cristã, traz em si fundamentação e guia na vivência plena da vontade de Deus através do seguimento Jesus Cristo. No Espírito, o Cristo, como visto no primeiro item, dialoga com todas as realidades, seu modo de ser e viver convida a sempre dialogar com o outro, mesmo que por muitas vezes não exista uma troca de palavra. E sempre se coloca no lugar do outro e procura compreender a sua vida, a sua história.

Assim, o homem é chamado ao diálogo com Cristo, para que assim, se aprofundando no próprio Cristo, possa compreender o que necessita ser transformado em si, para viver como o próprio Cristo. O diálogo promove uma renovação, pois possibilita ao humano se deparar com uma realidade diferente da sua. Ao se abrir ao outro, compreenderá a importância do diálogo, conseguindo ver o que o diálogo poderá transformar em seu próprio ser.

No capítulo anterior refletiu-se muito sobre a ideia que os documentos do CELAM trabalham em seus documentos conclusivos, sobre o diálogo, mas antes da retomada destas ideias, destacaremos aqui a característica primordial que impulsionou as conferências que é: dialogar com a realidade vivida na América Latina. Com base nessa característica, o CELAM engaja-se em um diálogo com a realidade, absorvendo os elementos necessários para compreensão e ação. Esse processo visa promover uma transformação interna no âmbito eclesial, que, ao refletir sobre a sociedade, possibilitará uma mudança estrutural mais ampla.

Como visto na explanação dos pontos do capítulo anterior, com o diálogo geracional, as pessoas aprendem coisas novas, que de alguma forma o impulsionam a transformar algo que compreendiam de uma forma. Quanto que com um diálogo, compreendendo o ponto de vista do outro, gerará ali uma proximidade, uma unidade e até mesmo nessa compreensão da realidade do outro, gerará uma libertação na vida desses.

O diálogo, em sua condição e processo comunicativo, é luz sapiencial - diá de dien, que significa lumen e logos que é sapiência ou sabedoria - que propicia que a alteridade seja efetivada e que o resultado seja o consenso entre os sujeitos dialogantes. Na efetividade do diálogo nos organismos eclesiais está o dinamismo da pobreza espiritual, pois o respeito, a corresponsabilidade, a confiança mútua e a humildade são elementos intrínsecos ao próprio processo do diálogo. Este espírito do diálogo se apresenta também nas Comunidades Eclesiais de Base, tão relevantes para o continente latino-americano e consideradas 'tecido social' da Igreja dos Pobres ou uma Igreja pobre com os pobres. (GONÇALVES, 2019, p. 432).

Portanto, o homem que vivencia a essa espiritualidade, é convidado a se abrir para uma verdadeira experiência de encontro consigo mesmo, mas considerando a relação ao outro. Os homens são essencialmente seres de relação e o diálogo é um dos recursos para o aprofundamento dessa essência. A espiritualidade dialogal é uma das respostas para a sociedade atual, que promove homens fechados em si. Essa espiritualidade pode proporcionar ao homem viver um movimento de se

abertura ao outro, de querer compreender o outro, curando a realidade fragilizada pelo individualismo.

O indivíduo, aberto a espiritualidade dialogal, permite dentro de seu ser um movimento de transformação, de conversão, e como já trabalhado mais para cima, o homem primeiro transforma a si e depois com a sua mudança, transforma a realidade em seu entorno. Pode-se compreender assim que a missão de todos, é anunciar uma mudança, é ser a diferença no mundo.

Quando se dialoga, no processo de evangelização, o evangelizador pressupõe que, de algum modo, existe verdade do evangelho ou "sementes do Verbo de Deus" na cultura a ser evangelizada. Por isso, o evangelizador, com humildade, se apresenta e se põe a perguntar sobre a realidade daquele povo e, em seguida, se põe a escutar o que aquele sujeito, que lhe é diferente, tem a dizer-lhe. Em seguida, coloca-se a falar de si e do próprio evangelho que lhe constitui, sem soberba e somente com humildade, para então inferir deste processo comunicativo, a verdade evangélica que, culturalmente, emerge do consenso entre os sujeitos dialogantes. (GONÇALVES, 2019, p. 433).

Conclui-se que o diálogo permite ao homem, compreender realidades que podem o transformar e transformar toda a sociedade. Se todos dialogassem o mundo poderia ser um lugar cada vez melhor, em que todos em diálogo poderiam viver em unidade e fraternidade em Deus.

#### 4.3 A sinodalidade inspiradora de Justiça e Fraternidade

A Igreja vive uma intensa transformação, sem perder o seu foco missionário, dialoga com a realidade a onde está. A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja crê que, a eleição de um novo Sumo Pontífice, é inspirada pelo próprio Espírito Santo que sopra escolhendo um cardeal que a Igreja realmente precisa. Aquele que conduzirá a Igreja para que continue sempre viva e nova, e possa cada vez mais dialogar com a realidade, sendo sinal verdadeiro da presença viva de Deus.

Há aproximadamente dez anos, o Espírito Santo inspirou uma renovação dentro da Igreja ao eleger Francisco como Sumo Pontífice, o primeiro papa latino-americano, que levaria a espiritualidade latino-americana ao mundo inteiro. Compreender o pontificado de Francisco significa reconhecer todo o percurso desenvolvido com excelência pelos bispos latino-americanos, que buscaram atender às necessidades dessa Igreja.

Francisco deseja uma Igreja com o olhar sempre fito na missão de anunciar a Boa-Nova do Evangelho sem excluir toda a realidade que o circunda. Em seus escritos, com o destaque a *Amoris Laetitia*, mostra a toda a Igreja que é necessário compreender que as pessoas estão inseridas em alguma realidade particular, para assim juntos construir um caminho de um bem-possível rumo a um bem-ideal. É preciso um olhar de amor, um olhar profundo de misericórdia para toda a realidade, cada pessoa é uma pessoa, cada situação é uma situação.

A proposta mais recente de Francisco é reavivar o rosto sinodal da Igreja, rosto este que foi muito apontado com o Concílio Vaticano II. Destaca-se a seguir um trecho do documento da Comissão Teológica Internacional - A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja, que trabalha a compreensão etimológica do termo *Sínodo* (2018, §3):

“Sínodo” é palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. Composta pela preposição σύν, com, e pelo substantivo ὁδός, via, indica o caminho feito conjuntamente pelo povo de Deus. Remete, portanto, ao Senhor Jesus, que apresenta a si mesmo como “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), e ao fato de que os cristãos, em sua sequela, são originariamente chamados “os discípulos do caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22). No grego eclesiástico, exprime o ser convocados em assembleia dos discípulos de Jesus e, em alguns casos, é sinônimo da comunidade eclesial. São João Crisóstomo, por exemplo, escreve que Igreja é “nome que indica caminhar juntos (σύνοδος)”. De fato, a Igreja – explica – é a assembleia convocada para dar graças e louvores a Deus como um coro, uma realidade harmônica onde tudo se mantém unido (σύστημα), pois aqueles que a compõem, mediante as suas recíprocas e ordenadas relações, convergem na ἀγάπη e na ὁμόνοια (o mesmo sentir).

Propõe-se que a Igreja se coloque em um movimento de unidade e diálogo, sempre com o propósito de anunciar de maneira autêntica o Reino de Deus no contexto atual. A palavra “sínodo” evidencia a vocação à comunhão que todos os batizados possuem, como um dom concedido por Deus a cada um. Dessa forma, formam um único corpo que caminha sempre junto, guiado pelo Espírito de Cristo.

Na vocação sinodal da Igreja, o carisma da teologia é chamado a desempenhar um serviço específico mediante a escuta da Palavra de Deus, a inteligência sapiencial, científica e profética da fé, o discernimento evangélico dos sinais dos tempos, o diálogo com a sociedade e as culturas a serviço do anúncio do Evangelho. Juntamente com a experiência de fé e a contemplação da verdade do Povo fiel e com a pregação dos Pastores, a teologia contribui para a penetração sempre mais profunda do Evangelho. Ademais, “como para qualquer outra vocação cristã, também o ministério do teólogo, além de ser pessoal, é também comunitário e colegial”. A

sinodalidade eclesial empenha, portanto, os teólogos a fazer teologia de forma sinodal, promovendo entre si a capacidade de escutar, dialogar, discernir e integrar a multiplicidade e variedade das instâncias e das contribuições. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, §75).

Na harmonia apresentada por São João Crisóstomo, a Igreja é convidada a ser sinodal, isto é, a estar aberta a esta espiritualidade dialogal, para que assim possa escutar e promover um verdadeiro diálogo com o mundo atual, buscando novos caminhos para uma evangelização viva e eficaz. Esta abertura ao diálogo sinodal, um diálogo em que trilha-se um caminho junto com o outro terá como resposta o desenvolvimento da Justiça e Fraternidade.

Aquele que se coloca à escuta, e com isso, adentra a realidade do outro, compreendendo fazer parte do mesmo corpo e na escuta fiel à voz de Cristo, procurará trazer uma luz para diversas realidades de fragilidades que se encontram hoje na vida das pessoas, assim como Francisco, que procura cada vez mais promover em seus atos, a proximidade e o olhar direto para os que mais necessitam, “só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos.” (FRANCISCO, 2020, §94).

Todo o processo da espiritualidade dialogal, tendo em vista essa compreensão da Igreja como sinodal, aviva o espírito evangélico em todos, partindo da comunhão trinitária, cada um com a sua missão, mas todos com a mesma essência, formar único corpo, que busca compreender a realidade e gerar vida dessa compreensão. O batizado é chamado a frutificar seus dons, sendo a voz daqueles que são oprimidos e transformando toda injustiça em justiça, toda aversão em fraternidade. Uma espiritualidade dialogal, como rosto de uma Igreja sinodal latino-americana, promotora de justiça e fraternidade.

## 5 CONCLUSÃO

Este estudo seguiu um percurso metodológico com o objetivo central de demonstrar a crise provocada pela ausência de diálogo na sociedade contemporânea. Fundamentando-se na bibliografia dos documentos do magistério latino-americano, procurou-se apresentar a compreensão do magistério sobre a importância do diálogo. A partir dessa investigação, propôs-se um movimento espiritual baseado no diálogo.

Para alcançar o objetivo, esta síntese teológica foi estruturada em três capítulos, cada um com um objetivo específico que contribuiu para a análise. O primeiro capítulo teve como objetivo apresentar a realidade, enfocando o problema da crise dialogal. A análise revelou uma sociedade cada vez mais individualista, em que a busca pela autossuficiência está em ascensão. O egoísmo é identificado como um comportamento que leva o indivíduo a se fechar em si mesmo, impedindo a aproximação de outros ou a sua própria aproximação aos demais. Quando há alguma forma de interação, é frequentemente com o intuito de obter benefício próprio.

Destacou-se a ideia do “ser” do homem, suas dimensões essenciais que, segundo Aristóteles, o definem como *zoon politikón*. Em todas as suas dimensões, o homem exerce sua existência em relação com outros, sendo, portanto, um ser social. Compreendendo essa natureza social, observa-se que o crescente movimento de egoísmo, resultando em individualismo, gera uma crise na própria essência do ser humano. A perda dessa essência contribui para o surgimento de várias outras crises na sociedade, todas decorrentes desse fechamento em si e da perda da compreensão do próprio ser.

O homem torna-se escravo de seu próprio egoísmo, impedindo não apenas o seu próprio crescimento, mas também o desenvolvimento dos outros. Ao se fechar ao pensamento alheio, ele contribui para a proliferação de um fenômeno amplamente observado em nossa sociedade: a intolerância às perspectivas divergentes. Conclui-se, portanto, que a principal dificuldade enfrentada pela sociedade contemporânea é o egoísmo, que engendra o individualismo e, conseqüentemente, distancia os indivíduos cada vez mais uns dos outros.

Com base na análise da sociedade atual, o segundo capítulo aprofundou-se no estudo dos documentos finais das conferências do episcopado latino-americano,



sistematizando pontos que destacam a importância do diálogo na vida das pessoas. É importante ressaltar que esses documentos são fundamentados na realidade do povo latino-americano. O capítulo foi dividido em cinco seções, cada uma abordando uma característica específica do diálogo conforme tratado pelo magistério.

O primeiro ponto destacou o diálogo como promotor de proximidade, utilizado como método que permite às pessoas se aproximarem da realidade umas das outras. O segundo ponto abordou o diálogo entre gerações, ressaltando o aprendizado dos filhos com seus pais e o crescimento da sociedade ao escutar as realidades de cada fase da vida. O terceiro ponto explorou a compreensão do diálogo como gerador de unidade e justiça. O mesmo diálogo que promove a proximidade também une as pessoas em uma *koinonia*; aqueles que vivem em comunhão e unidade buscam a dignidade para todos e não aceitam a injustiça na vida de seus semelhantes.

O quarto ponto enfatizou o diálogo entre culturas, destacando como elas podem se auxiliar e beneficiar mutuamente, evitando a destruição causada pela intolerância. Finalmente, o quinto ponto trata do Cristo e da realidade escatológica do diálogo. Todos os aspectos mencionados são considerados sinais de uma realidade escatológica, representando o reino de Deus presente, assim todos os homens, por meio de Cristo, foram enviados para antecipar essa unidade em Deus.

O terceiro capítulo tinha como objetivo específico propor uma espiritualidade fundamentada no diálogo, como resposta teológica à crise evidenciada na sociedade atual. Este objetivo foi relacionado a uma característica do pontificado do Papa Francisco, em que a sinodalidade é um movimento dialógico crescente no caminho da Igreja, gerador de justiça e fraternidade. A espiritualidade é compreendida como um movimento pessoal e interno, que, estimulado por fatores externos, conecta o homem à sua própria alma e fomenta um processo de transformação.

Para os cristãos, o maior estímulo para uma espiritualidade e mudança é a própria pessoa de Jesus Cristo. Inspirado pelo modo de ser de Jesus, o homem é convidado a se humanizar como Cristo se humanizou, abrindo-se ao diálogo verdadeiro com todas as realidades e, de modo mais profundo, sendo o rosto daqueles que são excluídos e oprimidos pela sociedade. O Cristo que se fez homem nos ensina a sermos verdadeiramente humanos, comprometidos com o outro. É através do diálogo que Ele se fazia presente e se conectava com a realidade de cada pessoa.

Todos são chamados a viver em comunhão, e com essa espiritualidade dialogal, o ser humano pode concretizar esse chamado. Este movimento possibilitará uma transformação individual que se refletirá em toda a estrutura da sociedade contemporânea. A escuta e o diálogo fomentarão uma sociedade que se abre para enxergar e acolher os marginalizados e aqueles que estão ao lado, mas permanecem invisíveis. Como um caminho sinodal, uma Igreja que caminha unida busca continuamente anunciar de maneira autêntica o reino de Deus.

Conclui-se que os objetivos específicos foram de grande valor e conseguiram auxiliar na concretização do objetivo geral. A compreensão da realidade e a proposta dessa espiritualidade dialogal permitem ao leitor uma nova perspectiva sobre a sociedade atual, proporcionando uma compreensão parcial, mas significativa, que pode suscitar questionamentos e despertar o desejo por uma experiência espiritual por meio do diálogo. Espera-se que esta pesquisa possa ser desenvolvida posteriormente, buscando responder a questões adicionais que complementem o conteúdo aqui trabalhado.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRANCHES, C. **O Diálogo e a Filosofia**. Revista Portuguesa de Filosofia, v. 5, n. 3, p. 251–266, 1949.

BÁRBARA, Júlio César da Costa Santa. **O medo de recomeçar: diálogo sobre a ação pastoral entre J.L. Segundo e Medellín**. Revista Annales Fajes. 2018.

Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4116>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti In PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Org.) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015, (Coleção Dicionários).

BLANK, Renold in SOUZA, Ney de. (Org.). **Teologia em diálogo: os desafios da reflexão teológica na atualidade – Jesus Cristo e a necessária mudança de nossa perspectiva antropológica**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio. **Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe**. Paulus, 2018.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 1965. Disponível:

[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html) Acesso em: 25 março 2024.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e missão da Igreja**. (2018). Disponível:

<[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_20180302\\_sinodalita\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html)>. Acesso em: 07 jun. 2024

COSTA, Renato de Lima. **A espiritualidade do consumo e o consumo da espiritualidade: um estudo a partir de Gilles Lipovetsky**. 2017. Tese (Doutorado em ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo 2017. Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21062#:~:text=A%20espiritualidade%20do%20consumo%20e%20o%20consumo%20da,h%C3%A1%20bitos%20de%20consumo%2C%20a%20moral%2C%20entre%20outros%20temas>. Acesso em: 25 maio 2024

CRUZ, C. C. M. DA. **Diálogo e sentido: vida espiritual e encontro inter-religioso na sociedade contemporânea**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 49, p. 402-404, 30 abr. 2018. Link:

[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao\\_CruzCC\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_CruzCC_1.pdf). Acesso em: 26 maio 2024

DOCUMENTO DE APARECIDA, *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007*, 1ª edição, CNBB, São Paulo, Paulus, Paulinas, 2016.

DOCUMENTOS DO CELAM, *Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo/ Conselho Episcopal Latino-Americano*, São Paulo: Paulus, 2005.

ELLIOTT, A. **A teoria do novo individualismo**. *Sociedade e Estado*, v. 33, n. 2, p. 465–486, ago. 2018.

FAVRETTO, Alexandre Boratti. **Liberdade religiosa na Declaração Dignitatis Humanae**: contexto, gênese temática e debate. São Paulo: Pluralidades, 2022.

FELLER, Vitor Galdino In SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Puebla**: Igreja na América Latina e no Caribe - Opção Pelos Pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FRANCISCO. **Carta Encíclica: Fratelli Tutti**. 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 16 de maio de 2024.

GOMES, Dorcelina do Carmo Alves. **A compreensão da identidade do leigo nos documentos das conferências gerais do CELAM**. PUC-RS. 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16903/1/000498836-Texto%2Bcompleto-0.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes In SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Puebla**: Igreja na América Latina e no Caribe - Opção Pelos Pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

IDÍGORAS, J. L. **Vocabulário Teológico** - para a América Latina. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

JOÃO PAULO II In DOCUMENTOS DO CELAM, **Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo/ Conselho Episcopal Latino-Americano**, São Paulo: Paulus, 2005.

MARCHINI, Welder Lancieri In SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Puebla**: Igreja na América Latina e no Caribe - Opção Pelos Pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MARTINS, Alexandre A., "**Diálogo: Antigo e Novo Desafio para a Ética Teológica no Brasil**". Theology Faculty Research and Publications. 2017. Disponível em: [https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1784&context=theo\\_fac](https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1784&context=theo_fac). Acesso em: 13 de abril de 2023.

MARTUCCELLI, D. **Variantes del individualismo**. *Estudios Sociológicos de El Colegio de México*, [S. l.], v. 37, n. 109, p. 7–37, 2018. DOI: 10.24201/es.2019v37n109.1732. Disponível em:

<https://estudiossociologicos.colmex.mx/index.php/es/article/view/1732>. Acesso em: 27 sep. 2023.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas, 1977.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MOUNIER, Emmanuel. **Manifesto ao Serviço do Personalismo**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1967.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco: uma reforma a partir de dentro da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, Ano XXIX - Nº 98 - Jan - Abr 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/52545> Acesso em: 01 jun. 2024

PANASIEWICZ, R. **Medellín: fonte de inspiração para uma metodologia do diálogo inter-religioso**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 677-697, 31 ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p677>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Org.) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015, (Coleção Dicionários).

PRATES, Lisaneos in SOUZA, Ney de. (Org.). **Teologia em diálogo: os desafios da reflexão teológica na atualidade – Jesus Cristo: Rosto humano de Deus e rosto divino do ser humano**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

PUNTEL, Joana T. In SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe - Opção Pelos Pobres, libertação e resistência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ROSSETTI, R. **Apontamentos para uma Filosofia da Comunicação**. Logos, v. 24, n. 3, 1 maio 2018.

SLEUTJES, Luiz. **Ecologia integral e sinais dos tempos**. 1<sup>um</sup>. ed. São Paulo: Editora Pluralidades, 2023.

SOUZA, Célia Soares de In SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Medellín: Memória, Profetismo e Esperança na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUZA, N. de, & Tostes, A. F. (2015). **Diálogo ecumênico e inter-religioso na conferência de Aparecida**. **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 13(1). Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/7418>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

SOUZA, Ney de. (Org.). **Santo Domingo**: Evangelização entre a integração e a enculturação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

SOUZA, Ney de. (Org.). **Teologia em diálogo**: os desafios da reflexão teológica na atualidade. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

SOUZA, Ney de. **História da Igreja na América Latina** - Iniciação à Teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (Org). **Medellín**: Memória, Profetismo e Esperança na América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson. **Puebla**: Igreja na América Latina e no Caribe - Opção Pelos Pobres, libertação e resistência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. Editora Itatiaia/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987, 3ª ed.

VARELA ROCHA (UFC), A. G. **O Individualismo e a Contemporaneidade**: A Crítica de Emmanuel Mounier à perspectiva individualista. Intuitio, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 16–31, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/7718>. Acesso em: 15 nov. 2023.

**Violência Política e eleitoral no Brasil** - Terra de Direitos. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

WOLFF, E. **O diálogo na Igreja e a Igreja do diálogo no Documento de Aparecida**. Revista Eclesiástica Brasileira, 2008. Disponível em: <https://reb.itf.edu.br/reb/article/view/1426>. Acesso em: 13 de abril de 2023.  
WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.